O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 4 DE JULHO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:705

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—COUSAS SÉRIAS.—A VERDADE HISTORICA.—AINDA A QUESTÃO DAS IRMÃS HOSPITALEIRAS.—AINDA A PROPOSITO DO COMICIO.—NOTICIARIO.—EXPROPRIAÇÃO POR ZONAS.—RECEPÇÃO DIGNA.—HERCULANO.—EXPOSIÇÃO DE VINHOS PORTUGUEZES EM BERLIM.—SESSÕES PARLAMENTARES.—PARTE OFFICIAL.—PAGINA LITTERARIA: A MORTE DE AFFONSO DA MAIA, *por Eça de Queiroz;* O TEMPLO DA DEUSA BANDUE, *por José Henriques Pinheiro;* FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CARTA DE LISBOA.

AVEIRO

COUSAS SERIAS

E' o nosso paiz exclusivamente agricola. Ha regiões em que se cultivam só cereaes. Outras ha em que a vinicultura tem a primazia. Mas nem todas as fachas de terreno cultivado produzem pão; nem todas se aplicam á cultura da vinha. A qualidade da terra e as circumstancias climatologicas determinam o agricultor a uzar os differentes processos de cultura, conforme a experiencia que tem dos serviços agricolas.

Na Bairrada predomina a vinha. Do Pano para cá, salvas as excepções de umas pequenas zonas vinhateiras, campeia a cultura do cereal. Ha ainda aqui outros centros, em que se presta homenagem exclusiva á orysicultura. A todas estas circumstancias se deve attender quando se pretende legislar sobre os importantes interesses da lavoura. Todavia não é indifferente saber até que ponto chega a importancia das culturas cerealiferas n'uma conjunctura em que os poderes publicos tratam de precatar o paiz contra a crise agricola, cuja permanencia deprecia a propriedade rural, e é fatalmente o motor d'um enorme e irremediavel cataclismo.

Parece que os representantes d'este ramo de industria propõem que o direito sobre os grãos attinja o valor de 24 reis em kilo, julgando d'este modo poder sanar todas as difficuldades da occasião, e consequentemente acreditando que ficará equilibrado o mercado, e compensados os esforços do productor. Se effectivamente assim acontecer, se o grande desideratum se conseguir sem maior sacrificio, facil é conjurar o mal que assoberba o paiz.

O governo tem em vista beneficiar a agricultura, sem prejuizo do consumidor. Mas entre uma e outro levantam-se ainda duas classes, a saber, o moageiro e o padeiro. Houve tempo em que o padeiro estava só em campo. Elle fazia o preço do trigo, mandando-o depois moer de sua conta. Em Lisboa, montou ha annos o esclarecido industrial, José Maria Eugenio d'Almeida, um estabelecimento de moagem a vapor, á Fundição, contando auferir bons lucros d'esta especulação, que mais tarde teve de abandonar por circumstancias estranhas á sua vontade. Depois d'elle, mas decorridos muitos annos, outros estabelecimentos se levantaram, constando-nos que se acham em prosperas condições, graças á importação de cereaes estrangeiros, cujo custo favorecia as respectivas emprezas.

Foi d'aqui que se originou a crise agricola, principalmente no Alemtejo, e foi para acudir a tamanho mal, que houve ha poucas semanas um congresso de lavradores, reunião promovida pela real associação de agricultura.

N'esta questão somos pelo paiz, isto é pela lavoura nacional, sem comtudo omittirmos a recommendação de que deve haver o maior cuidado, para que não alteie o preço do pão. E' preciso ter em vista esta circumstancia essencial. Para nenhuma das classes da sociedade é indifferente o custo das subsistencias. Pequenos salarios, pequenos ordenados e pequenos lucros, eis o fructo que tiram os nossos industriaes, os que vivem da propria actividade, auferindo do trabalho os recursos de cada dia. D'este modo cumpre attender ás rasões expostas para que não subam no mercado os artigos indispensaveis á vida.

A tudo isto tem de attender o governo, que é a entidade a quem cumpre velar pelas legitimas conveniencias do maior numero.

A VERDADE HISTORICA

Amigo e sr. redactor.—Eis-me de novo em campo, e com franqueza sem o proposito de convencer os que não querem ser convencidos. Nunca imaginei desempenhar a missão de S. Paulo quando se dirigiu aos corinthios. Os meus antagonistas são de cabeça rija, e não ha razão que os vença. Teimam quando mentem, teimam quando doestam, teimam quando calumniam e teimam sempre. E' o seu forte, e por isso sei que prégo no deserto, mas apesar d'esta minha persuasão, não desistirei de dizer as verdades, magoem a quem magoarem. E digo isto sem a intenção de offender; mas quem não quer ser lobo não lhe veste a pele.

As minhas considerações sobre os successos do hospital ficaram sem resposta. Podera! eu bem sabia que assim havia de ser. Factos não se improvisam, nem se destróe a impressão que elles produzem no publico com o injuriar este ou aquelle cidadão, calumniando-o na sua vida publica ou particular.

A opinião sensata chama o tal modo de entrar nas questões—desculpas de máo pagador. Quem não póde trapaceia. E' o que faz a gente sem criterio, que ou por falta de orientação, ou por não ter que dizer, em vez de discutir molha em fel a lingua, para babar depois injurias no calão da praça do Peixe ou do Alboi. E' sempre a eterna questão do

Pilriteiro que dá pilritos.

E fóra da lama em que vive não ha apanhal-a. Ou hão de insultar Deus, calumniando os padres, e rebaixando a religião do crucificado; ou hão de affrontar a verdade na terra, mentindo á propria consciencia, e dirigindo toda a casta de insolencias aos que não estiverem com elles irmanados. E vae a ver-se quem são estes srs, e topa-se-lhes com as mazellas asquerosas que tentam occultar com a linguagem do *Raio* e do *Trinta Diabos!* Excellentes patriotas na verdade! Sujam papel, em vez de se esforçarem por esclarecer o publico, em vez de lhe incutirem a idéa de que era melhor o serviço que d'antes se fazia no hospital, e que actualmente tudo alli se acha em peor estado quanto a limpeza de enfermarias, conforto para os doentes e economia ou reducção de despeza.

Mas em vez de o dizerem, os anabaptistas em todas as suas conversas particulares teem a franqueza de declarar, que o actual regimen é muito superior ao antigo, que ha mais acceio e caridade, que se faz menos despeza, mas, que não querem ver as irmãs hospitaleiras em Aveiro, que embirram com ellas, que sabem que ellas nenhum mal fazem alli á liberdade, mas... que é para elles um capricho a guerra que lhes estão fazendo, que não querem saber para nada do hospital, que não se importam que a pobreza tenha melhor ou peor gasalhado, finalmente que se metteram na dansa, e que seria para elles uma vergonha, se porventura tivessem o bom senso de desirtir do seu empenho depois da grande barulheira que teem feito com este negocio, que para alguns é exclusivamente de chuchadeira, como eu já expuz e ninguem ouzou ainda contrariar.

Ora ahi está como se pretende especular com a ignorancia do chamado —*Zé povinho!* Fazem-se agora importantes economias no hospital, e a casa está como nunca esteve quanto a limpeza e cuidado com os doentes. E os que se dizem patriotas, reconhecendo todos estes bons serviços, exclamam acezos em ira:

— Não nos importa que a administração ande bem ou mal; podia conservar as podridões que encontrou no hospital, que ninguem se lembraria de a guerrear por isso. Mantivesse lá os enfermeiros ladrões ou desleixados, que ninguem lhe tomaria contas. Fizesse politica á sua vontade, que não seriamos nós que lhe fossemos á mão; mas teve o descoco de querer zelar o patrimonio dos pobres; teve o atrevimento de acabar com abusos de muitos annos! foi uma pouca vergonha. Que lhe importava a ella que a casa fosse roubada, que os doentes fossem maltratados, e que tudo alli estivesse n'uma porcaria de fazer vomitar as tripas? Ah! pois atreveu-se a acabar com aquelle ninho de guincho? Nós lh'o fallaremos! Havemos de descompor de prégа miuda desde o governador civil até ao ultimo mezario. Ha de ficar tudo sepultado na lama das nossas invectivas.»

E o caso é, que os homens assim o teem feito, como homenagem aos seus *bons* instinctos, encontrando eco entre aquelles que elles tinham já coberto de injurias, quando publicaram libellos e libellos diffamatorios, chegando até a irem desafial-os á entrada das suas proprias casas, e infligindo os maiores vexames aos que hoje estão fazendo côro com esta propaganda devassa, que mostra bem o que uns e outros valem moralmente!

Amigo e sr. redactor: não lhe direi como um conhecido nosso, que declara o mundo perdido; mas o que posso asseverar-lhe é, que come o pão do Senhor muito patife com basofias de pessoa séria e entendida; dando-se em regra o caso de chamar aos outros ladrão aquelle que mais culpas tem no cartorio, assim como as palavras mais obscenas se encontram sempre na boca da prostituta mais calejada no vicio. E' muito velho o rifão, do—chama antes que to chamem.

Eu sou avesso a estes processos diffamatorios, porque entendo que os agastamentos politicos não devem dar margem a aggravos pessoaes, cujas consequencias nem sempre são faceis de prever. E nos desmandos dos jornaes eu vejo sempre os defeitos de educação em quem os dirige, supondo que hão de dizer tudo quanto lhes vem á cabeça, esquecendo os serviços prestados pelos que procuram desacreditar, já ao publico, já a particulares, o que é além de feia ingratidão muito para estranhar. E se se for a vêr o que em proveito publico fizeram os insultadores, achar-se-ha que é tamanha a sua insignificancia e tão apoucada a sua dedicação pela causa publica, que o seu nome é totalmente desconhecido, não figurando na lista dos benemeritos da terra ou da humanidade.

Eu tenho ouvido fallar muito do patrão Joaquim Lopes, marinheiro intrepido, que tem salvado do furor das ondas grande numero de pessoas, e isto por inclinação natural da sua boa alma. Com risco da propria vida arrancou á morte mais de uma duzia de individuos de ambos os sexos. Em Aveiro, a avaliar os homens pelo que d'elles diz a imprensa local, estariamos nada mais e nada menos que em plena Calabria. Nem o amor do proximo, que determina os grandes actos de coragem, nem o temor de Deus, que inspira o sentimento de caridade christã. E tudo isto é invenção de invejosos ruins, incapazes do bem, porque se empregam só em dizer mal dos outros. Temos por cá gente tão perversa, que o seu gostinho particular é denegrir a reputação dos outros, não calculando que a calumnia é como a navalha de ponta e mola, e que se esta dá cabo do corpo da victima, aquella mira exclusivamente a dar cabo da parte moral, que vale ainda mais do que ella.

Ora com franqueza pergunto: o que pretende esta gente que lhe façam como represalia? Ha dois caminhos a seguir, um legal, outro extra-legal, ou antes tão criminoso como aquelle. O primeiro tem de seguil-o todo o cidadão que se prése, quando entenda que deve ser applicada correcção aos garotos que o apedrejem Ninguem deve, como eu já disse, nivelar-se com elles. Deixemos isso aos que não teem vergonha, aos que ahi os estão auxiliando na propaganda do mal. Homens de bem, que teem criterio, que não esquecem agravos quando estes beliscam a honra individual, não se deixam arrastar na corrente de paixões baixas e de rancores mais baixos ainda. Isso é bom para a canalha, que sana malquerenças na taberna entre dois copos de vinho.

E desde que se esquece o brio individual para *fazer politica reles*, como essa que para ahi enlameia pessoas e cousas, contrista e faz dó. Tudo pequeno, tudo desprezivel, tudo abaixo do que havia a esperar de gente moça, onde as aspirações generosas deviam abrigar-se, e não a mentira, a impudencia, o esquecimento dos deveres civicos.

Não concluirei esta carta sem me referir a um dos pontos da questão do dia. O sr. J., correspondente da *Provincia* em Aveiro, diz que o movimento iniciado é—*guerra aos clericaes*—isto é aos padres, aos que exercem na terra o sacerdocio da religião de Christo. Mas porque é a sanha do sr. J., e dos seus confrades os republicanos? O sr. Oliveira Martins, de quem o sr. J. se diz discipulo, ensina exactamente o contrario. A propaganda da liberdade exerce-se praticando o bem, mostrando por toda a parte a sua supremacia benefica, e não injuriando uma classe respeitavel, nem atacando a egreja. E depois que tem a politica com a egreja? Não declarou ainda ha poucos dias Leão XIII, que a egreja não é incompativel com nenhuma forma de governo? Quando o pontifice assim falla é que os demagogos d'Aveiro, em cujo numero se conta hoje o sr. J., correspondente da *Provincia*, soltam o grito de guerra contra o clericalismo, quando para mim e para todos os verdadeiros liberaes é mais que certo, que em Portugal não ha probabilidade de levantar-se a questão da reacção, por isso que não ha elementos para que ella possa desenvolver-se, e ninguem se quer aventurar a pôr-se em lucta com o estado, que é quem dá os beneficios ecclesiasticos.

Se quer que lhe diga a minha opinião, eu nem sequer acredito na existencia do jezuitismo no paiz. E todavia a liberdade de cultos em Inglaterra levou para lá as ordens religiosas, cujas casas de oração e penitencia se levantam a par das egrejas protestantes, tendo nos hospitaes civis as irmãs hospitaleiras. Devo accrescentar, posto que seja desnecessario para os que não forem muito ignorantes, que a Inglaterra é o paiz livre por excellencia, e que foi de lá que veio para o continente o regimen representativo tal e qual funcciona entre nós.

Já vê o meu amigo que é tudo banal quanto dizem e escrevem os republiqueiros, e que estão prestando um máo serviço á liberdade os que ahi se ligaram a elles, mostrando assim uns e outros o seu odio ao existente, aos principios de ordem, á religião, á egreja e á liberdade. Veja tambem, meu amigo, se com taes mordomos se pode ser juiz.

De v. etc.,

Aveiro, 2 de julho de 1888.

Um irmão que já foi mezario.

AINDA A QUESTÃO DAS IRMAS HOSPITALEIRAS

Meus amigos.—Prometti-lhes na minha ultima carta fallar do artigo 6.º da Carta Constitucional e vou cumprir a minha promessa.

Diz o citado artigo:

«A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do reino. Todas as outras religiões serão permittidas aos estrangeiros com o seu culto domestico, ou praticas, em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior de templo.»

Diz mais o § 4.º do artigo 145 da mesma Carta o seguinte:

«Ninguem póde ser perseguido por motivo de religião, uma vez que respeite a do Estado, e não offenda a moral publica.»

Sobre estes dois pontos tenho hoje muito que conversar com os *meetingueiros* (não seria melhor chamar-lhes manteigueiros?), visto que tanto fallam em *liberdade, fraternidade* e *egualdade*.

O artigo 6.º obriga-nos a uma religião unica no reino como portuguezes, e ninguem póde sair d'esse principio, porque offende a lei, e offendendo esta está incurso nas penas dos que desobedecem aos mandados da auctoridade.

Se a Religião Catholica é a do reino, todos os portuguezes teem obrigação de a seguir, ou, pelo menos, de a respeitar; embora o § 4.º do artigo 145 determine: que ninguem possa ser perseguido por motivos de religião, *uma vez* (note-se) que respeite a do Estado.

Pergunto eu agora:

Não é uma offensa á religião do Estado essa profissão atheista de Magalhães Lima e Arriaga?

Que elles intimamente sejam atheus, calvinistas, lutheranos, sigam os preceitos de Mafoma, de Budgha, do Fetheeismo, é para nós indifferente, e até para o espirito da lei, mas o que elles não podem é prégar essas doutrinas, sem que lhes seja applicado o disposto no artigo 130 e seus §§ do Cod. Penal que vamos aqui copiar na integra, para que saibam o que elles dizem.

«Aquelle que faltar ao respeito á Religião do reino, será condemnado na pena de prisão correccional d'um a dois annos, e na multa, conforme a sua renda, de tres mezes até tres annos, em cada um dos casos seguintes:

«1.º—Injuriando a mesma Religião publicamente em qualquer dogma, acto ou objecto do seu culto, por facto ou por *palavras*, ou por escripto publico, ou por qualquer meio de publicação;

«2.º—Tentando pelos mesmos meios propagar doutrinas contrarias aos dogmas catholicos definidos pela Egreja;» etc.

Ora, n'esses *meetings*, segundo me consta, prégou-se muita doutrina contraria á Religião do Estado, e parece-me que em boa hermeneutica juridica (salvo *melior juris modus et causa*) os oradores dos *meetings* deviam ser processados; não só ahi, mas até na capital. Será tolerancia, mas a muita tolerancia traz a anarchia, e o aniquilamento da liberdade.

Pergunto eu muito á puridade: Offenderam elles ou não a Religião do Estado?

Sim, senhores. Prégaram doutrinas fóra da orthodoxia, e não o podiam fazer; e demais, ninguem tem direito de insultar um funccionario publico no cumprimento dos seus deveres, e as *irmãs hospitaleiras*, embora não tenham um diploma regio, tem uma auctorisação legal d'uma corporação devidamente auctorisada por um funccionario superior do districto, e ninguem póde intervir nos seus actos senão os superiores a que estão subordinadas; e estes são a commissão que actualmente dirige os negocios da Santa Casa da Misericordia d'essa cidade. Esta, sómente esta commissão, é que tem o direito de as nomear e despedir, como o governo tem o direito de nomear e demittir qualquer empregado.

Parece impossivel que dois advogados, principalmente o sr. dr. Arriaga, que é um ornamento do foro portuguez, e que de todo o coração se entrega á defesa dos seus correligionarios da capital que enxameiam as esquadras da policia e o palacio do Conde Andeiro (vulgo o Limoeiro) desconheça o que a lei determina a respeito das corporações a que pertencem as Casas das Misericordias, Irmandados e Confrarias.

A Misericordia d'essa cidade, tanto dirigida pelos irmãos eleitos, como por uma commissão, não tem que dar satisfações da nomeação do seu pessoal interno, nem ao proprio governo, porque não é este que lhe paga. O mesmo acontece a qualquer chefe de repartição que chama extraordinariamente um individuo e lhe paga do seu bolsinho particular. Ninguem tem nada com isso.

Agora o que a todos pertence é defender a Religião Catholica de nossos paes, e não admittir que se arvorem paladinos da liberdade a quelles que a calcam aos pés, menosprezando e desacatando as leis do reino.

Se o governo, por um principio de tolerancia, tem consentido esses *meetings*, não é de direito que as auctoridades não procedam contra os *meetingeiros*.

Não quero fazer censuras a ninguem; mas o caso está previsto no Cod. Penal.

Bem sei que a perseguição é contraproducente. Que produz o contrario. Mas o que eu não posso admittir, é que meia duzia d'estouvados queiram metter-nos os dedos nos olhos e levarem por deante as suas theorias demagogas, e que não são consutodaneas com a chamada e tão apregoada democracia.

Temos a *democracia á la franceza*. Os democratas francezes querem a egualdade e a fraternidade; mas gastam milhares de francos para obter uma fitinha, das taes fitinhas que fizeram processar mr. Wilson, e dimittir mr. Grévy.

E' a democracia de baixo para cima.

E dizem esses paspalhões democratas dos jornalecos republicanos: que a democracia é o melhor dos *modus vivendi* dos paizes civilisados.

Ora, meus amigos, estes democratas parecem-se com os cavallos do estado de S. Jorge. Andam enfeitados uma vez por anno, e depois não valem um caracol.

Prégam a democracia, e exigem uma excellencia, e só desejam acompanhar com fidalgos,

Gritam pela liberdade, e insultam todos e tudo o que não lhes convém.

Querem a egualdade e vociferam a policia civil quando lhes dá uma noite mal passada nas tarimas das esquadras, isto por *serem uns cidadãos muito civilisados*.

Querem a fraternidade, e fazem comicios contra os seus irmãos e irmãs.

Já viram cabeças mais vazias de miolo?!...

Os republicanos exaltados, e que levaram a França a um abysmo, gritavam nos *boulevards*:—a Berlim; os d'essa cidade gritam:—á Misericordia.

Os da França levaram uma lição tremenda. Os d'ahi precisam uma boa doze de Cod. Penal.

E fallam, gritam, descompõe tudo o que lhes cheirar a dignidade, e depois ficam na lama a pernear como uns carrapatos.

Vou terminar, pois tenho-me alongado em reflexões, mas não fecho esta sem recommendar aos *influentes das representações* contra as irmãs hospitaleiras o artigo 218.º e seus §§ do Cod. Penal, principalmente e 2.º

Os meus amigos desculpem estas massadas, filhas da minha rabugice. *Senectus est morbus;* mas os velhos é que sabem, não acham?

Algures do districto, 2 de julho de 1888.

Y.

AINDA A PROPOSITO DO COMICIO

Sr. redactor.—Obsequeia-me muito se ainda esta vez me publicar mais *duas palavras apenas* (que serão quatro ou mais, se assim o entender o *senhor do Districto* por *amor á verdade*)—sobre a *resposta*.

Diz o tal senhor na sua *resposta* que eu fóra insinuado a proferir as phrazes que deram motivo a esta polemica (?)

E' contra isto que eu venho protestar por dever da minha consciencia. De ninguem tive a mais leve insinuação a tal respeito. A responsabilidade do que disse é minha e só minha. Eu disse apenas o que senti, o que tinha direito e obrigação de dizer, como ministro d'uma religião que horas antes fóra violenta e injustamente atacada nos seus dogmas mais santos, nos seus mais salutares preceitos, a fim de a desvirtuarem aos olhos dos fieis. A doutrina que então expendi no desempenho do meu ministerio, defendo-a ainda hoje, e hei-de defendel-a sempre, porque é a verdadeira.

Senti devéras que me tivesse escapado alguma phrase mais aspera com que algumas pessoas se magoaram. D'isso me arrependi eu (confesso-o, porque não sei mentir á minha consciencia) porque não era minha intenção magoar ninguem.

Mas ninguem que pense recta e imparcialmente deixará de confessar que cumpri conscienciosamente o meu dever, prevenindo, no desempenho da minha missão, os fieis contra as doutrinas erroneas, blasphemias e heresias que tão *mellisonamente* se expandiram no comicio de que se trata. A causa principal do comicio—irmãs de caridade—foi ahi apenas levemente tratada. O mais violento ataque foi todo dirigido contra a religião catholica, contra os seus ministros, e até contra o seu Divino instituidor—Jesus Christo—que na phrase dos seus talentosos oradores não passava d'um *Sonhador!* (vid. ultimo supplemento do *Povo d'Aveiro*).

E não teria razão para protestar contra isso? Pelo facto de fallar de S. João, não podia e devia defender a religião de que elle foi suavissima aurora?

Fazel-o, era tratar de politica?

Eu não costumo ir para o pulpito fazer politica, como não a faço em parte nenhuma. Lá, digo verdades. Se são amargas, tenha paciencia.

Não torne a vir dizer para publico que respeita muito a classe sacerdotal. Isto só por amor á verdade.

Agora póde vir para cá com quantas lérias e pilherias quizer, que eu não faço tenção de me incommodar mais. Não estou para brincar, que tenho mais que fazer.

Quem não tem argumentos sérios, dá lérias. E' a tal coisa do pilriteiro que dá pilritos, e não é capaz de dar cousa bôa.

Ouça ainda um conselho d'amigo: Cuidado com a *florifera*, que tem espinhos. Não se pique.

Aveiro, 30 de junho de 1888.

O mesmo.

NOTICIARIO

Festa.—O sr. Emygdio Navarro teve na sexta-feira em Luso uma demonstração de sympathia, que difficilmente s. ex.ª esquecerá, por mais larga que seja a sua existencia. Desde a estação do caminho de ferro, até á sua residencia n'aquella estancia balnear, o povo da aldeia e dos suburbios aglomerava-se, premia-se entoando calorosos vivas ao illustre ministro das obras publicas. Todo o precurso, que é bastante extenso, se achava embandeirado. Girandolas de foguetes estrondeavam nos ares, e a phylarmonica da Mealhada tocava os hymnos nacionaes.

Toda esta festa foi promovida por uma commissão de cavalheiros da localidade, que resolveram testemunhar d'este modo ao sr. Navarro o seu reconhecimento pelos beneficios dispensados por s. ex.ª áquella região, que se acha actualmentr transformada, e que é uma das mais pittorescas e das *mais frequentadas do nosso paiz.*

S. ex.ª regressou já a Lisboa agradavelmente impressionado por aquella expontanea demonstração de sympathia, conservando-se todavia alli sua estimavel esposa, a sr.ª D. Ernestina Navarro e seus interessantes filhos.

Notas de carteira.—Fez hontem exame na escóla da Vera-Cruz, saindo distincto, o intelligente e applicado alumno da mesma escóla José Maria de Vilhena Barbosa de Magalhães, filho querido do nosso collega dr. Barbosa de Magalhães.

Não tem ainda 7 annos de edade, o pequenito e talentoso estudante. Por isso o abraçamos sinceramente, e d'aqui enviamos ao extremoso pae um apertado abraço de dedicados camaradas, fazendo os mais ardentes votos porque seu filho prosiga assim na carreira que tão brilhantemente encetou.

— Já está completamente restabelecido dos seus incommodos, com o que devéras folgamos, o nosso estimavel amigo e prestante clinico da cidade, sr. dr. Pereira da Cruz.

— Partiu para as caldas de S. Pedro do Sul a ex.ma familia do sr. Antonio Paiva d'Eça.

— No Porto e em casa de sua dedicada mãe, a ex.ma sr.ª D. Luiza d'Almeida Muñoz, morreu de repente um filhinho do nosso amigo e digno negociante d'esta praça, sr. João Coelho de Almeida. Os nossos sentimentos.

— Está em Aveiro com sua ex.ma familia a ex.ma sr.ª D. Maria José d'Almeida Torres, senhora de apreciaveis virtudes e irmã do nosso bom collega d'esta redacção, sr. J. E. d'Almeida Vilhena e da digna esposa do sr. conselheiro governador civil, a ex.ma sr.ª D. Arrabida de Vilhena.

— Esteve em Aveiro o nosso antigo amigo e correligionario o sr. dr. Arnaldo Augusto Barbosa Soares, distincto medico de Santo Thyrso.

— Regressou de Louzada com sua ex.ma familia o nosso amigo o sr. José Ferreira Correia de Sousa.

— Partiu para Coimbra, para a commissão do serviço do recrutamento militar, o sr. dr. Abilio d'Albuquerque, digno cirurgião-ajudante de cavallaria 10.

Commissão de recrutamento militar.—Chegaram a esta cidade no domingo proximo o sr. tenente coronel Oom e os srs. facultativos que formam a inspecção militar. Suas ex.as apresentaram-se no governo civil no proprio dia 1.º, como a lei determina, apesar de ser dia sanctificado.

Partida.—Partiu ante-hontem com destino á sua casa d'Ascenção, no Rio da Prata, o nosso honrado e muito presado amigo o sr. Silvestre da Silva Mello. Acompanham-o suas interessantes filhas que, educadas com esmero no collegio da ex.ma sr.ª D. Rosa Regalla de Moraes, levam para a America o exemplo das virtudes que possuem e que n'aquella casa se completarem.

Que o nosso bom patricio e amigo chegue a sua casa, elle e suas ex.mas filhas, sem o menor incommodo, e que encontre alli sua extremecida esposa e filhos de perfeita saude, é o que muito se deseja. E que volte á patria, que o considera e estima, n'um praso curto, é o que sinceramente desejamos.

Regresso.—Regressou já da sua casa da Bairrada ao Porto o nosso muito presado amigo o sr. Joaquim Augusto da Cruz, acreditado negociante n'aquella cidade e caracter pundenoroso e digno.

Incommodo.—Tem passado mal n'este ultimo tempo o muito respeitavel sr. Manuel Marques Pires, honrado e exemplar abbade de Vallega.

Fazemos instantes votos pelo seu restabelecimento.

Exames no Lyceu.—Fecharam matricula 31 alumnos internos, e requereram para fazer exame 135 externos, entre os quaes 6 do sexo feminino. Os exames começaram na segunda-feira, havendo duas mezas, e sendo examinados po: dia 24.

Exames elementares.—Começaram na segunda-feira na casa da escola da Vera-Cruz os exames elementares das escolas parochiaes, d'esta cidade, havendo duas mezas, presidindo a uma o digno sub-inspector e nosso prestantissimo amigo, o sr. Antonio Joaquim Vidal, e á outra o distincto professor e nosso dilecto amigo, o sr. Antonio Maria dos Santos Freire, e sendo examinadores 4 dos mais dintinctos professores primarios do concelho. Ficaram approvados todos os alumnos chamados á prova escripta, começando hontem as provas oraes.

Vejam!—As camaras municipaes de Manteigas, Pinhel e Cêa, votaram as seguintes percentagens para o anno de 1889.

Manteigas, 35 0[0 para despezas municipaes, 15 0[0 para instrucção primaria e 20 0[0 para emprestimos legalmente auctorisados; total 70 0[0.

Cêa, 35 0[0 para despezas municipaes, 15 0[0 para instrucção primaria e 10,8 0[0 para emprestimos, total 60,8 0[0.

Pinhel, 32,25 0[0 para despezas municipaes, 15 0[0 para instrucção primaria e 15,75 0[0 para emprestimos, *total 63 0[0.*

E a camara d'Aveiro não tem cinco reis de imposto directo, e proporcionando esta singular vantagem aos seus municipes, e tendo como receita principal o velho imposto sobre o vinho que se vende a retalho, nem esse lhe querem deixar levar, não havendo ahi subterfugio e alcavala que se não invente para lhe não permittirem nem esse tenue rendimento. E' notavel.

Pic-nic.—Houve hontem um de algumas distinctas familias, residentes n'esta cidade, no aprasivel sitio da ponte da Rata, nas formosissimas margens do Vouga.

Trabalhos para o recenseamento militar.—Os que ante-hontem se fizeram no governo civil com assistencia do sr. presidente da commissão, e respectivos facultativos, foram os seguintes:

A inspecção sanitaria dos mancebos recenseados em 1888, pertencentes ao concelho de Castello de Paiva, ha de ter logar: os das freguezias de Pedorido e Raiva, no dia 12; os de Paraizo e Real, no dia 13; os de Sardoura, S. Martinho e Sobrado, no dia 14, e os de Bairros e Fornos, no dia 16, do actual mez de julho.

Os do concelho d'Arouca e da freguezia de Canellas, no dia 16; os de Louredo, Mansores e Tropeço, no dia 17; os de Urrô, Moldes e Burgo, no dia 18; os de Arouca, Escariz, Cabreiros e Albergaria, no dia 19; os de Rossas e Alvarenga, no dia 20; os de Santa Eulalia, Varzea e S. Miguel do Matto, no dia 21; os de Fermedo, Chave, Espiunca e Janarde, no dia 23.

Os do concelho de Macieira de Cambra e das freguezias de Arões e Junqueira, no dia 24; os de Castellões, no dia 25; os de Roge, no dia 26; os de Macieira e Codal, no dia 27, e os de Cepellos, Villa Cova de Perrinho e de Villa Chã, no dia 28.

Postos hypicos.—Recolheram já os cavallos que estavam nos differentes postos do districto—os que padriaram em Ovar, em Albergaria, em Arouca, em Estarreja, em Anadia e Oliveira do Bairro.

Do deposito d'aqui retiram tres que terão de ser recebidos no Instituto Agricola. Os outros ficam no deposito central do districto, porque se destinam já a padriação no futuro anno.

Audiencias geraes.—Terminaram as audiencias geraes na comarca d'Ovar. O procedimento dos dignos juiz e delegado e o do jury são muito louvaveis, pois que, em zelo e rectidão, não pódem ser excedidos.

Nova estação.—Dentro de poucos dias deve estar montada a nova estação telegrapho-postal do Bussaco. Era uma necessidade por todos reclamada e que d'este modo fica satisfeita.

Arrematação.—No dia 9 do corrente vão á praça no governo civil 7 fóros pertencentes á irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia da Vera-Cruz, d'esta cidade, e 1 pertencente á confraria do Santissimo e Nossa Senhora da freguezia de Fermentellos, concelho d'Oliveira do Bairro.

Trabalho no mar.—Na segunda-feira tornou a haver trabalho no mar. A pesca porém foi insignificantissima—lanços de pouco valor, sendo a pesca petinga miuda. Hontem o mar foi outra vez ruim. Por em quanto vae mal para esta industria.

Atrazo de producção.—O tempo não tem permittido a fabricação do sal. Humido e pouco claro, sem vento norte que aperte as praias, a antecedencia no preparo das marinhas não deu aos marnotos o resultado que elles aliás esperavam. Está pois no periodo de estagnação a lavra do genero. Sobe de preço por conseguinte o pouco sal velho que existe, e consequencia é isso apenas do atrazo ou antes da paralisação, por effeito do tempo, da nova colheita.

A funda dos trigos.—E' muito razoavel a funda dos trigos este anno. Nenhuma colheita, que nos conste, das já debulhadas, tem sido inferior a 12 sementes, e algumas tem chegado a 14, o que, nas nossas terras, é já boa producção.

Não ha de correr assim a dos tremezes, que estão geralmente maus por lhes faltarem as chuvas a tempo.

Estado dos milhos.—E' excellente por em quanto o estado dos milhos. As ultimas chuvas fizeram-lhes bem, e o tempo, sem ventos fortes e sem sol excessivo, corre-lhes muito favoravelmente.

Secca.—Os rios levam pouca agua. O Vouga e o Agueda comportam apenas barcos de pequena carga. Difficilmente passam em qualquer d'aquelles rios cargas superiores a tres carros, e estas mesmas não passam sem grande esforço dos barqueiros, que em alguns pontos teem de empregar esforços quasi sobrehumanos para fazerem passar os barcos.

Festas da Rainha Santa.—A Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte e Léste, por occasião das pomposas festividades que de 3 a 8 do corrente se realisarão em Coimbra á Rainha Santa Isabel, estabelece um serviço especial de comboyos, com bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, os quaes serão vendidos nas estações das linhas de Léste e Norte para a de Coimbra (nova) nos dias 3 a 8, sendo válidos para o regresso em qualquer dos dias 6 a 10.

Noticias da Bairrada.—Em 4.—Passou hontem em Mogofores, no comboyo mixto ascendente, o sr. Eugenio d'Almeida, digno juiz da 2.ª instancia.

— Os srs. dr. José Xavier, em exercicio de juiz de direito substituto, dr. Jorge Couceiro, agente do ministerio publico, e Accacio Coelho, escrivão da comarca de Anadia; e os dois medicos do partido, srs. drs. Francisco Cancella e Leonel Portella, d'esta villa, procederam hontem á autopsia no cadaver d'uma infeliz mulher, que appareceu morta em sua casa, em Mogofores, hontem de madrugada. O sr. dr. delegado requereu o exame anatomico em virtude de denuncia que teve e de quasi toda a população de Mogofores attribuir ao marido da desditosa a morte por asphixia, ou estrangulação—o que não se verificou, dizem.

Na nossa carta seguinte daremos promenores.

— Tambem em Mogofores consta que uma mulher nova, mas muito bebeda, déra morte lenta a uma filhinha que concebera na ausencia do marido no Brazil, e que déra á luz ha um mez. As visinhas, implacaveis espiadoras, assim o affirmam. O marido da adultera chegou no dia 1.º do corrente, recolhendo-se em casa de sua mãe.

— Na noite do S. João, e na tarde de domingo ultimo houve pancadaria, de sob a qual sairam algumas cabeças partidas. Effeitos do vinho bom e barato.

F.

A ultima encyclica do Papa.—A nova encyclica de Sua Santidade, dizem de Pariz que tem sido objecto de animados commentarios nos centros politicos.

«A impressão que produziu, accrescenta um correspondente, é em geral satisfactoria. Reconhece-se que é inspirada por um espirito de ampla tolerancia.

A reivindicação que faz a Igreja ao affirmar que defendeu sempre as liberdades civil e politica, e a declaração de que a Igreja não é inimiga da domocracia nem repelle nenhuma fórma de governo, impressionaram agradavelmente os animos.

Parece que os elementos ultramontanos são os unicos a quem desagradou a encyclica e assegura-se que manifestarão pela imprensa o seu desagrado.»

EXPROPRIAÇÃO POR ZONAS

E' do *Correio da Noite* o seguinte artigo:

Continua a debater-se no parlamento, e a interessar muito a opinião publica a chamada questão constitucional da expropriação por zonas.

Por isso, e porque bem o merece, continuamos a extractar do discurso do sr. Barbosa de Magalhães os argumentos principaes

Se todas as leis portuguezas sobre o assumpto teem interpretado a Carta Constitucional no sentido de que a utilidade publica, legalmente verificada, póde justificar a expropriação da propriedade alheia para uso e emprego meramente particular, essa tambem tem sido a opinião quasi geral da jurisprudencia patria.

A'parte as portarias de 17 de março e 6 de outubro de 1865, 13 de abril de 1868, 12 de julho de 1873, e 20 de agosto de 1879, em que se faz a affirmação gratuita de que a lei fundamental do estado não auctorisa a conversão da propriedade individual expropriada em propriedade particular, e a consulta do ajudante do procurador geral da corôa junto ao ministerio do reino, de 14 de maio de 1868, transcripta no *Direito*, 3.º anno, pag. 43, temos no decreto de 12 de maio de 1873, e nas portarias de 20 de outubro de 1866, 9 de abril de 1874, 22 de junho de 1875, e 27 de julho de 1877 o reconhecimento implicito, e até ás vezes expresso, de que, se não está nas faculdades actuaes do poder executivo decretar a utilidade publica de expropriações por zonas, o póde fazer, e muitas vezes o tem feito, o poder legislativo ordinario, sem quebra da constituição.

Assim opinavam tambem os auctores dos projectos de lei de expropriação por zonas apresentados ás côrtes em 1871, 1874 e 1876, as commissões de administração publica da camara electiva que deram pareceres favoraveis a esses projectos, e a propria camara dos deputados que os converteu em proposições de lei.

Assim e brilhantemente o sustentou na Associação dos Avogados, o habil jurisconsulto Sousa Queiroga, em conferencia que corre impressa.

E, o que é mais notavel, tendo o sr. deputado Moraes Carvalho requerido ao governo alguns documentos com que tencionava impugnar o projecto em discussão, vem entre elles a consulta da procuradoria geral da corôa, em conferencia de 3 de fevereiro d'este anno, sobre o pedido da camara municipal de Lisboa que originou aquelle projecto, e n'ella se diz que, se o governo não tem actualmente competencia para auctorisar a expropriação por zonas, pode comtudo, se assim o julgar util e urgente, pedir agora essa auctorisação ás côrtes, e que essa tem sido sempre a opinião dos fiscaes da corôa em conferencia, expressa nas consultas de 31 de dezembro de 1872, e de 1 de maio de 1873, e outras. E foi o que o governo fez.

Se pois o illustre deputado opposicionista tencionava ir buscar lã é mais prudente tirar d'ahi o sentido.

Mas é que realmente esta interpretação do preceito constitucional é a mais rasoavel e justa. Se só o uso publico podesse legitimar a expropriação da propriedade particular; se no proprio interesse da propriedade de cada um se não podesse limitar restringir, e até expropriar em parte ou todo a propriedade dos outros, como se haviam de proteger, estimular, e desenvolver todas as grandes manifestações da actividade social?

Acham que é de toda a justiça que ao proprietario, a quem a expropriação de parte do seu predio diminue o valor do resto, se conceda o direito de exigir a expropriação do predio todo, mas não querem que se dê tambem, reciprocamente, á corporação expropriadora a faculdade de fazer a expropriação total do predio, cuja parte não expropriada augmentou de valor em virtude da expropriação.

Julgam bem devida ao proprietario confinante de qualquer obra de utilidade publica a indemnisação dos prejuizos que com ella soffreu, mas repugno-lhes obrigal-o a pagar uma parte do proveito que d'essa obra tirou.

Mas diz-se que a indemnisação não é compensação do direito, porque o valor do que é seu só cada um lh'o dá. Pois não é isso o que dizem as leis politicas, nem as leis civis, nem as leis economicas. O direito originario de propriedade não tem preço, porque se não aliena nem expropria; mas os objectos d'esse direito tem o valor que lhes dão as condições do mercado, e vendem-se ou expropriam-se quando é mister.

Verificada a utilidade publica da expropriação, e pago o justo valor da propriedade, cessa o direito sobre ella, porque, politicamente, o direito de cada um tem por limites o direito de todos, e economicamente, a propriedade traduz-se sempre em valor.

Respondendo ainda a varias outras observações do orador que o precedera, o sr. Barbosa de Magalhães teve occasião de revelar que estudára com attenção a legislação estrangeira sobre o assumpto, e d'ella extraiu frisantissimos exemplos de quanto as exigencias crescentes da civilisação moderna obrigam a restringir o direito de propriedade individual.

Para que Lisboa seja a mais formosa, d'entre as cidades do mundo, não basta que o tenha dito um dos mais privilegiados talentos d'este paiz: é preciso que se não recusem aos poderes publicos, com rabulices constitucionaes, os meios de o conseguir.

RECEPÇÃO DIGNA

Tomamos com prazer do nosso collega *Tribuno Popular* o seguinte artigo:

Conselheiro Augusto Maria de Castro

No dia 27 do corrente, tomou posse do logar de juiz de direito da comarca d'Arganil, para que ultimamente foi nomeado na sua promoção á 2.ª classe, este nosso respeitabilissimo amigo e illustrado magistrado, servindo o logar de procurador regio na Relação do Porto.

Da maneira distincta como tão digno cavalheiro, irmão do nobre presidente do conselho de ministros, foi recebido na comarca d'Arganil, dizem-nos d'aquella localidade:

«Muitas pessoas d'Arganil das mais gradas, sem distincção de côr politica, além dos empregados de justiça, foram esperar ao caminho a grande distancia da villa, (mais de 10 kilometros) o novo juiz de direito, que acompanharam até á casa do illustre delegado da comarca o sr. dr. Garrido, aonde se hospedou e foi cumprimentado.

No dia seguinte ao da sua chegada, o da posse, foi o sr. conselheiro Augusto de Castro, convidado para um lauto almoço que em sua honra offereceu no seu palacio do Sarzedo, o nobre chefe do partido progressista de Arganil, o ex.mo sr. José Ribeiro d'Amorim Pacheco.

Para este sumptuoso banquete, que de almoço apenas teve o nome e um pouco a hora, porque não havia outra mais apropriada para rfeição em vista do pouco tempo de que dispunha o sr. conselheiro Castro, foram convidados muitos cavalheiros da comarca, assistindo entre outros: os srs. dr. Meirelles Garrido, delegado do procurador regio; dr. José da Costa Vasconcellos, conservador; dr. Figueiredo, medico do partido; dr. Luiz Caetano Lobo, reitor; dr. Neves Ferreira, administrador do concelho; padre Joaquim Ignacio de Vasconcellos; Joaquim Pedroso Barata dos Reis, escrivão de fazenda: Carlos Pedreira, contador; Joaquim Figueiredo Perdigão, vereador da camara municipal, etc., etc.

O almoço correu animadissimo, nada faltando a tão brilhante recepção como costumam ser todas as que se fazem no antigo solar do Sarzedo, graças á fina distincção e amabilidade com que os illustres donos da casa, a ex.ma sr.ª D. Augusta de Amorim Pacheco e seu ex.mo irmão sabem penhorar as pessoas que teem a honra de alli ser recebidas.

A' sobremeza, fizeram-se enthusiasticos brindes, ao sr. conselheiro Castro, ao presidente do conselho, ao governo, ao ministro das obras publicas, ao deputado do circulo sr. Oliveira Mattos, aos illustres fidalgos do Sarzedo e a muitos dos convidados presentes, sendo todos correspondidos com grande enthusiasmo.

O sr. conselheiro Augusto de Castro, que pelo seu fino tracto e distincção conquistou as sympathias dos que o conheceram, mostrou-se muito penhorado ao bom acolhimento do illustre chefe do partido progressista de Arganil, e a todos os mais cavalheiros que o obsequiaram, o que significou bem manifestamente, não só nos brindes da refeição, mas ainda depois n'um breve mas elegante e correcto discurso que fez em seguida á ceremonia da posse, no tribunal.

Sua ex.ª deve ter-se retirado muito satisfeito como com a sua visita o ficaram os que hoje se consideram seus amigos na comarca de Arganil, sentindo muito não o poderem ter por seu juiz, integerrimo e illustrado como o consideram e como a fama apregôa que s. ex.ª é.

Na retirada do sr. conselheiro Augusto de Castro, para o Porto, na quarta-feira á tarde, foi s. ex.ª acompanhado pelos já citados cavalheiros e outros muitos que se lhe juntaram, até muito distante da Villa, aonde recebeu as ultimas despedidas e provas de subida consideração e sympathia, que a todos soube merecer.»

Pela nossa parte, associamo-nos completamente ás manifestações feitas ao sr. conselheiro Augusto Maria de Castro, que todas merece, e com cuja amisade muito nos honramos, e agradecemos muito reconhecidos aos nossos presados amigos de Arganil e em especial ao illustre e honrado chefe do partido progressista o ex.mo sr. José Ribeiro d'Amorim Pacheco, os brindes com que obsequiaram o nosso digno director politico e seu deputado, que decerto não esquecerá estas provas de estima e consideração.

Merece o que se lhe fez em Arganil o digno magistrado do que se trata.

HERCULANO

Damos em seguida alguns trechos do soberbo discurso, som igual, pregado pelo sr. conego Alves Mendes nas exequias de Alexandre Herculano em Lisboa:

«Abram a janella, quero luz!»—Esta phrase de Herculano, muito parecida a outra de Gœthe e ainda a outra de Lamennais, esta phrase, gemida a 13 de setembro de 1877, quasi á morte do pensador, symbolisa e synthetisa toda aquella vida: ancia de saber, sêde de luz.

Luz! quanto é alma e bella, quanto é grata e boa, a luz! O que seria o mundo sem este fluido prodigioso que tudo alegra e fecunda, que tudo aquece e desabrocha, que tudo colora e vivifica? Um horror inconcebivel, um cahos espantoso, a treva congelada, a treva insondavel por sobre um abysmo sempiterno. E de que valeria esse hilariante fluido, embora se desprendesse d'um céo diaphano e se reflectisse n'um mar de anil, se elle não ferisse a pupilla do homem, se não banhasse a humana fronte? De nada, de quasi nada. O ondear do fino ether ou o fulgir do rico astro perder-se-iam afinal na vastidão do planeta que á sua vez ficaria sendo, quando muito, um livro sempre sellado, um proscenio sem actores. A' luz physica corresponde, pois, a luz moral: á luz dos corpos, á luz dos olhos encima-se a luz do espirito, a luz do genio—a mais intensa luz divina, a mais formosa, a mais pura luz de Deus.

Guiado por ella, o homem, fraco, enfermo, desvalido, mas sempre irrequieto, sempre anhelante, atenazado, infernado sempre por um desejo nunca pleno, por um desejo incommensuravel, infinito, rege a natureza, inventa creações, opéra milagres, refaz o mundo. Inclina-se sobre a terra, distilla o suor da sua fronte e corôa a terra de fructos e de flores. Desfibra esmeradamente as plantas, tece-lhes, matiza-lhes os filamentos e cobre a sua desnudez. Rasga isthmos, explora continentes, perfura montanhas, estilhaça penedias, desinfecta lagunas, lança pontes sobre abysmo e suspende nos ares a cadeia metallica, a cadeia magica que dá á palavra a velocidade do relampago. Põe o cinzel na pedra, a côr na palheta, a corda no arco, a idéa na imprensa; dá linhas á architectura, relevos á esculptura, esmaltes á pintura, harmonias á musica, idéaes á poesia, horisontes ao pensamento, e realisa os primores da arte e da sciencia. Construe e atira á agua o secco lenho, arvora e desprega ao vento a branca lona; e desafia as tempestades e as ondas, e cruza de mar a mar, e corre de região a região, e vôa de gente a gente, levando a toda a parte a communidade dos seres e os dons da Providencia, fazendo resplandecer em todo o orbe o que ha de mais sublime e de mais util: os productos divinos da civilisação—esses lampejos do seu enorme e immenso e immortal e santo espirito.

Ah! quando eu vejo o notabilissimo tear urdindo esses tecidos preciosos, extrahidos dos insectos, dos quadrupedes e das plantas e empapados em todos os matizes do iris; quando remiro o telegrapho de Morse e o telephonio de Eddison, enredando com seus nervos o planeta e tornando-nos, pela instantanea communicação do verbo e da ideia, consocios de todas as nacionalidades e companheiros de todas as gentes; quando contempla a vela latina enfunada sobre as aguas, e a chaminé do vapor, desenhando nos ares o seu penacho de fumo, e revoando altaneira pelos mares e pelos campos, fazendo-nos quasi simultaneamente cosmopolitas de todos os continentes; quando descubro o luzentissimo pharol refulgindo sobre os promontorios como se fôra uma estrella que se tivesse desengastado dos céos quando; observo a chispa de Galvani levando movimento á inercia e gravando e aureolando por processos verdadeiramente magicos; quando analyso a pilha de Volta enthesourando-nos nas mãos algo superior ao ouro dos alchimistas, a producção da electricidade, a bem dizer a força creadora do cosmos; quando fito o pára-raios de Franklin, pelo qual a faisca, a temerosa faisca dos deuses se encadeia, se escravisa humilima a nossos pés; quando alcanço com o telescopio as surprehendentes miragens do infinitamente grande e vislumbro com o microscopio as indiscriminaveis estancias do infinitamente pequeno; quando attento no espectro-solar que decompõe a luz, que chega a decompôr a longinqua reverberação das nebulosas; quando diviso a photographia offerecendo-nos a imagem nitida do universo, mettendo-nos dentro em casa a propria natureza, a photographia que, servindo-se do sol, copia o mesmissimo sol; quando considero a retorta chimica ministrando-nos em suas combinações espantosas os elementos dos orvalhos e das brizas; quando recordo a machina de Watt ou a de Fulton que, de algumas gotas de agua, de um tenuissimo rócio em que se emperlam as flôres, fez uma potencia avassalladora, incontrastavel, uma expansiva e ductil potencia que é a alavanca do commercio e a alma estrondeante da industria; quando, finalmente, deparo tantos prodigios, desdo o escaphandro do mergulhador que visita os abysmos do mar e a lampada do mineiro que pesquiza as entranhas da terra, até ao balão do aereonauta que foge para as alturas e se equilibra e se aligeira na região dos ventos; e noto ainda taes maravilhas diffundidas, divulgadas, universalisadas, eternisadas pela invenção de Guttenberg, pela imprensa, pela sublimada e rica imprensa que é a maior de todas ellas; quando tudo isto vejo, pasmo, abysmo-me absorto perante esta especiosissima creatura humana que, a despeito das suas miserias e fraquezas, se patentisa a maior das creaturas—porque tem as azas da ideia na mente, porque tem a luz do genio na fronte para aproximar-se de Deus, para alcandorar-se da infinito!

A luz do genio, eis Herculano!—Herculano, como o naturalista Humboldt, sempre fascinado pelos segredos da sciencia; Herculano, como o espiritualista Castelar, sempre seduzido pelos encantos da arte; Herculano, nobre cultor da verdade, do bem e do bello; Herculano, homem de valor antigo, sujeito de raro porte, individualidade caracteristica,—em summa, personificação genialmente inconfundivel entre as personificações mais geniaes. Reuni a consciencia de Socrates á alteza de Platão, a profundidade do Dante á energia de Hugo, o talento de Shakespeare ao verbo de Camillo; juntae á penetração de Niebuhr as fórmas de Michelet e á magestade de Macanlay as faculdades de Thierry; amassai tudo isto com o caracter d'um espartano, com a perseverança d'um benedictino e com a fé d'um apostolo e tereis, pouco mais ou menos, o sabio entre os sabios portuguezes—Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo.»

*

«A poesia é a cuspide da arte; o poeta o grande artista. A poesia é a potencia creadora da alma; é a propria alma encarnada na fórma ingenita da ideia—na palavra. Sentir profundamente e expressar bellamente, sentir deveras e expressar ao vivo, eis o talisman do genio—o timbre immortal do poeta.

Ou o fundo se imponha á fórma como no Oriente, ou fundo e fórma se equilibrem como na Grecia, ou a fórma predomine sobre o fundo como nas eras modernas; seja symbolica, classica ou romantica, a arte é sempre admiravel. Ou o artista estampe os seus ideaes no espaço e dê aos monumentos a projecção das montanhas; ou lasque e pula o marmore e converta estatuas em pessoas; ou anime as táboas e as télas e reproduza e corrija a natureza; ou vibre as cordas da lyra como se fossem as cordas do coração, o artista é sempre sublime. Mas o artista é maravilhoso, o artista é quasi divino quando perlustra as regiões da poesia.

Sacudidas as prisões da materia, valendo-se da palavra imponderavel, intangivel, da palavra que parece ter a espiritualidade e a ductilidade da idéa, o artista, quando é poeta e lidimo poeta, pulsa todas as escalas e desfere todas as harmonias da arte; architecta, esculpe, pinta, borda, canta: faz todos os giros da creação, mariposeia por todas as espheras da vida, adeja por todas as estancias do bello, abraça o tempo e a eternidade, perde-se como aguia nos ares, extasia-se como anjo nos céos, contempla o infinito, sonda o insondavel, vê o invisivel, fita Deus. A poesia é a voz da alma; lyrica, se essa alma é o d'um homem; epica, se essa alma é a d'um povo. O poeta é o condensador e reflexor universal; um sol e um mar ao mesmo tempo. Sol, subjetiva e irradia as inspirações do proprio estro; mar, objectiva e reflecte as impressões do seu seculo e da sua historia, as aspirações da sua gente e as glorias da sua patria.

Será possivel negar a Herculano o brazão de poeta e grande poeta? Leia-se o volume das suas POESIAS; examinem-se os assumptos que desdobra, as paixões que desperta, os pensamentos que levanta; veja-se a magnificencia d'aquellas paginas e a envergadura d'aquella phantasia e ahi se encontrará, como a perola na concha. —virgem e nitente—a alma inteira d'um poeta. Prophetico, patriotico, vehementissimo. ás vezes rispido e até bravio na locução, mas sempre acerado e rompente na idéa, o genio desmesurado de Herculano, em todas as suas composições e versões lyricas, imprime, e imprime indelevelmente, o cunho heraldico da sua individualidade. Apontam-se-lhe muitissimos versos duros, mas não se lhe aponta um unico verso frouxo. Aquelle cerebro não consentia penumbras, nem desmaios aquella vontade. Ao traçar os seus quadros poeticos desappareciam instantaneamente as meias-tintas. Relampagueava a inspiração, jorrava o sentimento, o pincel corria audacioso e firme e a pintura destacava-se na tela, nervosa e palpitante, mascula e quente como fôra concebida.

Tres poetas eminentes revolucionaram e impulsionaram n'este seculo a litteratura portugueza; tres poetas, tres almas artisticas que bastariam por si sós a honrar e a enaltecer um povo: Garrett, Castilho e Herculano—Garrett a elegancia, Castilho a riqueza, e Herculano a valentia. Pois apezar de serem os dois primeiros quasi exclusivamente poetas e enormes poetas, o primado da influencia, indisputavel e indisputado, pertenceu ao ultimo. E devia pertencer; porque, se, dos tres, Almeida Garrett era o mais gracioso e contornado e Antonio Feliciano de Castilho o mais vernaculo e opulento, Alexandre Herculano era exactamente aquillo que elle proprio affirmou de Miguel Angelo—era o mais *robusto, solemne e profundo*. Garrett e Castilho retiniam como crystal; Herculano troava, retumbava—em bronze. Para deliciar, ninguem como Garrett e Castilho; mas para sacudir, para mover, ninguem como Herculano.

Fraguada nas entranhas da consciencia, subjectiva, intima, enraizadamente psychologica, parecidissima por vezes á poesia teutonica, a poesia de Herculano faz lembrar, de quando em quando, a musica de Beethoven. E' mysteriosa, velada, incerta como os sonhos e indecisa como os crepusculos, encerrada em symbolos, com muitas allegorias, projectando, a espaços, uns lampejos crus, e, constantemente, uma vasta ideologia. Nem sempre se comprehende á primeira leitura—porque nada ha mais distanciado de nós do que nós mesmos! As notas da inspiração, a musica das idéas percebem-se muito depois das ondulações sonoras, do harpejo da palavra; mas assim que se percebem sulcam-nos a alma, apoderam-se d'ella, embebem-se, concentram-se n'ella e não sahem. Ora a poesia, ainda a mais subjectiva, é accentuadamente social; porque a sociedade, onde todas as idéas confluem e onde todas as paixões esbravejam, é um manancial, um oceano de inspirações para o poeta. A alma vibrante da Grecia inspirou as melhores odes de Pindaro; a alma vibrante da patria inspirou os melhores versos de Herculano.

As suas convicções religiosas ressumbram exuberantes das suas producções poeticas, e as suas producções poeticas trasladam exuberantissimas as suas convicções politicas. Herculano tornou-se o bardo ardente do idealismo christão e o trovador benemerito da campanha liberal. Flagellou implicavelmente os scepticos e exaltou arrogantemente os livres. O seu pensamento referia como a torrente e varejava como o vendaval. O seu estro era raio e era meteoro: o seu estro, sempre intenso e flammejante, assombrava uns como o gladio do archanjo no Eden e pharolisava outros como a columna de fogo no deserto.

Quem o não admirou? Quem o não viu, combatente intrepido, cortado de indignação e dilacerado de tristeza, bramir no *Soldado* os horrores da tyrannia e as cruezas do exilio, ou, triumphador generoso, fremente de patriotismo e desbordante de nobreza, implorar na *Victoria e a Piedade* paz e perdão para os vencidos? Quem se não sentiu extatico, mysticismo ao ler a *Semana Santa* e a *Arrabida*, ou, ao ouvir aquelle seu hymno a *Deus*, aquelle seu inolvidavel hymno, altissimo como o universo, imponente como a tempestade, lucilante como a aurora e aberto como a flôr?—aquelle seu hymno magnifico em que resplendem e culminam os arrôbos de Platão e os estos de Isaias? Quem desconhece, emfim, a *Harpa do Crente*, essa pulchra harpa harmoniosa que parece afinada pelas auras e tangida pelos anjos?—essa harpa celeste, divina, que consola, commove, arrebata, transfigura, espiritualisa, vivifica; que ora, que soluça, que lagrimeja; que tem voz como a sarça do Horeb e gemidos como os salgueiros de Babylonia, que resôa como a montanha do Sinai e suspira como as virgens de Sião, que canta como o psalterio de David e chora como os threnos de Jeremias? Quem desconhece ou quem denega tudo isto?...

Espirito gigante! por mais que o tempo passe e por mais que o homem cresça, os teus carmes serão sempre adoraveis—porque elles traduzem superrimamente o ideal dos ideaes, o ideal por excellencia sublime: a *Fé e a Liberdade*. Tu escreveste;

Creio que Deus é Deus e os homens livres!

E encandilaste a tua alma n'este verso de ouro: toda a tua vida, toda a tua crença foi isto.»

*

«As suntuosidades de Alcobaça e as maravilhas da Batalha são coroadas pelos resplendores de Belem—este preciosissimo e enflorado diadema que D. Manuel fez estadear n'esta praia do Restello, solemnisando a invenção da India. Original, indescriptivel monumento! Parece extraído das espumas oceanicas e amassado com o eter dos ceos. Parece uma visão fantastica do Oriente—o berço da crença, o berço do sol. Circula-lhe a vida por todos os lanços, ressua-lhe a exuberancia por todos os poros. Mas esta riqueza descompassada, exquisita, nada tem de exagerado e violento; nada tem de commum com o inchaço, com a turgidez das decadencias. Veio por si, naturalmente, torrencialmente, como vem o enthusiasmo, como vem a saude. Tudo isto é a arte em festa victoriando a religião e a nação em festa. Portaes, frestões, fustes, nichos, cimalhas, botaréos; templo, crasta, sacristia, recingidos de folhagens, de toda a especie de arabescos e relevos de toda a ordem, filigranados de lizes quasi aeriformes e povoados de figurinhas quasi viventes; e, depois, esses formidaveis e esbeltissimos pilares como que nascidos ahi para bracejar pelos ares fóra e sustentar o proprio firmamento; e, ainda, essa abobada do cruzeiro, abatida, artesoada, constellada de cruzes e de esferas, desamparada de columnas, mais pasmosa que o do capitulo da Batalha, imponente e amplissima, fazendo lembrar um horisonte no mar alto; e, por fim, após o feitio manuelino, a sorridente capella-mór—o esplendido feitio da renascença... ah! taes portentos e taes contrastes sacodem-nos os nervos e produzem-nos vertigens; acendem-nos o sentimento do grande, apegam-nos a electricidade do sublime—porque são a traducção ciclopica, a petrificação estranha, descommunal, tipica da crença robusta d'aquelles titans que, *dilatando a fé e o imperio*, foram os héroes da nossa eterna epopeia—os primeiros, os quasi fabulosos circumnavegadores dos mares.»

EXPOSIÇÃO DE VINHOS PORTUGUEZES EM BERLIM

Como já dissemos, esta exposição realisar-se-ha de 1 de outubro a 31 de dezembro do corrente anno. Eis o programma d'este interessante certamen:

Artigo 1.º—Até ao dia 15 de julho deverão os productores de vinhos, que pretenderem concorrer á exposição de Berlim, enviar o seu pedido de admissão (no modelo A) á commissão central de Lisboa ou á commissão do Porto, segundo pertencerem á circumscripção agronomica do sul ou do norte, devendo os pedidos da admissão ser acompanhados de amostras em garrafas lacradas.

§ unico. São tambem considerados productores os negociantes que apresentarem vinhos preparados e promptos para o consumo.

Artigo 2.º—São admittidos todos os typos de vinhos produzidos no paiz, contanto que sejam puros, genuinos e bem fabricados.

Artigo 3.º—Só póde ser admittido: *a*) O vinicultor cuja producção annual fôr pelo menos de 50 hectolitros ou 10 pipas; *b*) O grupo ou associação de viticultores que represente uma região ou um centro vinhateiro do paiz, e que possa fornecer ao mercado para cima de 500 hectolitros ou 100 pipas; *c*) O exportador ou negociante cujo nome estiver inscripto na matriz industrial, e em harmonia com o disposto no § unico do artigo 1.º

Artigo 4.º—A commissão central de Lisboa e a commissão do Porto poderão expôr os vinhos em que se representem os typos que se produzem nas respectivas circumscripções, se o julgarem preciso.

§ 1.º—Estes vinhos serão acompanhados dos necessarios esclarecimentos sobre a producção média de cada um d'esses typos.

§ 2.º—Da mesma fórma poderão expôr as lotações que julgarem convenientes, descrevendo o modo por que foram preparadas.

Artigo 5.º—A commissão central de Lisboa e a commissão do Porto enviarão delegados ás differentes regiões vinhateiras das respectivas circumscripções, incumbidos de verificar a qualidade e quantidade dos vinhos destinados á exposição, em presença das declarações feitas nos pedidos de admissão, das amostras apresentadas.

Artigo 6.º—Em vista do apuramento feito pelos seus delegados, as commissões de Lisboa e Porto resolverão ácerca das admissões, communicando aos expositores se foram ou não admittidos á exposição.

Artigo 7.º—Os expositores que forem admittidos, em virtude do artigo 5.º, deverão enviar os seus productos até ao dia 15 de agosto á commissão central de Lisboa ou á commissão do Porto, conforme a circumscripção a que pertencerem.

§ 1.º—A commissão do Porto fará remessa directa para os portos allemães dos productos da sua circumscripção, enviando os respectivos conhecimentos e guias á commissão central de Lisboa, cheios em nome d'esta.

§ 2.º As uvas de embarque poderão ser remettidas até ao dia 1 de outubro á commissão central de Lisboa, ou á commissão do Porto, á proporção que poderem ser encaixotadas.

Artigo 8.º—A commissão central fornecerá aos expositores as vasilhas ou garrafas, e rolhas que precisarem quer enviando-lh'as ás suas adegas, quer trasfegando os vinhos nos armazens da commissão em Lisboa ou Porto.

Artigo 9.º—O transporte dos productos a expôr, desde o local da producção até aos armazens de Lisboa ou Porto, será pago pela commissão central.

§ unico. O tranporte gratuito até 1 hectolitro, concedido aos expositores pelo artigo 9.º do regulamento, deve entender-se applicavel a cada typo de vinho exposto.

1.º GRUPO

Vinho e uvas

Classe 1.ª—Vinhos generosos e licorosos; *a*) Tintos novos; *b*) Tintos que perderam a côr com a edade; *c*) Brancos novos; *d*) Brancos velhos; *e*) Vinhos *historicos* para se avaliar a transformação com a edade e a garrafa.

Classe 2.ª—Vinhos espumosos; *a*) Brancos; *b*) Tintos; *c*) Rosados ou brancos provenientes de uvas pretas; *d*) Vinhos em casco para materia prima de espumosos.

Classe 3.ª—Vinhos de meza ou de pasto (de consumo corrente); *a*) Communs tintos; *b*) Communs brancos; *c*) Encorpados e fortes tintos; *d*) Encorpados e fortes brancos; *e*) Encorpados finas e especiaes tintos; *f*) Encorpados finos e especiaes brancos.

Classe 4.ª—Vinhos de meza ou de pasto ligeiros ou frescos (verdes); *a*) Tintos; *b*) Brancos.

Classe 5.ª—Vinhos para distillação; *a*) Tintos; *b*) Brancos.

Classe 6.ª—Vinhos lotados de grande consumo.

Classse 7.ª—Uvas de embarque.

2.º GRUPO

Cultura da vinha e fabrico do vinho

Classe 1.ª—Material usado na cultura da vinha.

Classe 2.ª—Material usado no fabrico do vinho.

Classe 3.ª—Plantas, photographias, modelos e desenhos de explorações viticolas, e de material vinicola.

3.º GRUPO

Bibliographia vinicola

Classe 1.ª—Noticias, memorias ou relatorios que descrevam os processos da cultura da vinha e os processos de fabrico do vinho em Portugal.

Classe 2.ª—Noticias ou memorias sobre ampelographia e pathologia da vinha.

4.º GRUPO

Estatistica e carthographia vinicola

Classe 1.—Areas da cultura vinicola nas diversas regiões do paiz, estatistica da producção, do consumo e do commercio dos vinhos.

Classe 2.ª—Cartographia e estatistica cartographica, diagrammas.

5.º GRUPO

Classe unica,—Elementos, noticias ou memorias para o estudo social do viticultor portuguez, noticias sobre trajes, usos e cootumes da população vinhateira em Portugal.

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 28 de junho

Presidencia do sr. João Crysostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 2 horas da tarde. Presentes 22 dignos pares.

Foi lido um officio da viuva do sr. conselheiro Barreiros Arrobas agradecendo as manifestações feitas pela camara por occasião da morte de seu marido.

Como não estivesse presente nenhum dos srs. ministros, interrompeu-se a sessão até chegarem os srs. ministros da fazenda e dos estrangeiros.

O sr. Barbosa du Bocage defendeu os seus actos sobre o tratado da Guiné a que o sr. ministro dos estrangeiros se tinha referido ha dias.

ORDEM DO DIA

Projecto sobre os cereaes

O sr. conde de Ficalho continuou o seu discurso, mostrando que o projecto não satisfazia as necessidades urgentes da agricultura, que actualmente, disse, passa por uma crise.

O sr. conde de Bertiandos apresentou propostas contendo as conclusões approvadas no congresso agricola em modificação ao projecto em discussão. Requereu que as propostas fossem enviadas ás commissões de agricultura e fazenda, afim d'ellas darem o seu parecer em separado.

O sr. Pereira Miranda, relator, declarou acceitar o requerimento do sr. conde de Bertiandos.

Foi approvado o requerimento.

O sr. ministro da fazenda principiou a responder ao sr. conde de Ficalho, ficando com a palavra reservada.

Sessão de 30 de junho

Presidencia do sr. João Chrisostomo; secretarios, os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde. Presentes 23 dignos pares.

Foi lido na meza o decreto prorogando as côrtes até ao dia 7 de julho.

O sr. Margiochi apresentou, por parte da maioria da commissão da agricultura, um parecer favoravel ás propostas dos cereaes e dos alcools.

O sr. Candido de Moraes, por parte da minoria da mesma commissão, apresentou um parecer contra as propostas.

O sr. Pereira de Miranda apresentou o parecer da commissão de fazenda sobre as mesmas propostas. A commissão é contraria ás propostas.

Os tres pareceres ficaram para ser discutidos conjuntamente com o projecto.

O sr. Thomaz Ribeiro requereu que os tres pareceres fossem impressos.

A camara approvou o requerimento.

O sr. conde de Ficalho participou que recebeu mais um telegramma contra os projectos sobre os alcools e cereaes, da Sociedade Agricola de Santarem.

Os srs. Thomaz Ribeiro e ministro dos estrangeiros trocaram explicações sobre a questão da bahia de Tungue e ds tratado com a China.

O sr. presidente nomeou uma commissão para ir desanojar o digno par José Paulino de Sá Carneiro.

Foi approvado sem discussão o projecto de lei sobre o novo regimen das aguas, na Madeira.

ORDEM DO DIA

Projecto sobre os cereaes

O sr. ministro da fazenda continuou o seu discurso combatendo os principaes argumentos apresentados pelo sr. conde de Ficalho.

O sr. Antonio Maria de Senna apresentou um projecto para o pagamento de subsidio aos deputados durante o prolongamento da sessão legislativa.

O sr. Hintze Ribeiro principiou a responder ao sr, ministro da fazenda, falando violentamente. Ficou com a palavra reservada.

(As galerias da camara estiveram muito concorridas).

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 28 de junho

Presidencia do sr. Coelho e Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 82 senhores deputados.

O sr. Pereira dos Santos disse que desejava referir-se á situação dos farmaceuticos do hospital de S. José, mas que se reservava para quando os srs. ministros estivessem presentes.

Foi interrompida a sessão por não estar presente nenhum membro do governo.

Entrando na sala o sr. ministro dos estrangeiros, foi reaberta a sessão principiando a

ORDEM DO DIA

Projecto sobre a expropriação por zonas

O sr. Moraes Carvalho propoz o addiamento da discussão até chegarem varios documentos que havia pedido.

Levantou-se incidente sobre esta proposta, falando muitos srs. deputados.

A camara rejeitou o addiamento.

O sr. Barbosa de Magalhães, relator, apresentou uma emenda ao projecto para que os proprietarios tenham interesse nos lucros das rendas de terrenos.

O sr. Ruivo Godinho sustentou que o projecto envolvia materia constitucional e que, portanto, a camara não tinha os poderes competentes para o discutir.

Ficou com a palavra reservada.

—

Sessão de 30 de junho

Presidencia do sr. Coelho e Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 3 horas e meia da tarde.

Presentes 82 srs. deputados.

O sr. Abreu Castello Branco referiu-se á necessidade dos vapores que tocam na ilha Terceira, tomem passageiros para o Faial.

O sr. João Arroio perguntou qual a resolução que o governo tomava perante o movimento anti-jesuitico no paiz. Referiu-se ao facto da camara municipal do Porto não ter cedido a sala das sessões para n'ella funccionar a commissão anti-jesuitica nomeada no comicio ultimamente realisado no Porto, dizendo haver sobre esse facto uma representação ao governo civil. Censurou o acto da camara do Porto.

O sr. presidente do conselho disse que a opinião do governo sobre a questão do jesuitismo, constaria do documento official que o governo publicará brevemente no *Diario do Governo*, em resposta á representação.

O sr. Consiglieri Pedroso referiu-se novamente ao conflicto occorrido em Almada, pedindo o castigo dos culpados.

O sr. João Arroio referiu-se ao facto de existir em Valença um charlatão que exerce a medicina. Pediu providencias.

ORDEM DO DIA

Questão prévia sobre a constitucionalidade do projecto de lei das expropriações por zonas

Continuou esta questão, fallando o sr. Ruivo Godinho.

Respondeu-lhe o sr. Barbosa do Magalhães, que falou toda a hora.

O sr. ministro da fazenda apresentou o relatorio dos seus actos como ministro.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 28

Boletim de sanidade maritima declarando limpos da epidemia do colera morbus os portos do Chili.

Varios despachos judiciaes.

PAGINA LITTARERIA

A MORTE DE AFFONSO DA MAIA

O sol ia alto, um barulho passou, o Baptista rompeu pelo quarto:

—O' sr. D. Carlos, ó meu menino! O avô achou-se mal no jardim, não dá accordo!...

Carlos pulou do leito, enfiando um paletot que agarrara.

Na ante-camara a governante, debruçada no corrimão, gritava, afflicta:

—Adiante, homem de Deus, ao pé da padaria, o sr. dr. Azevedo!

E um moço que corria, com que esbarrou no corredor, atirou, sem parar:

—Ao fundo, ao pé da cascata, sr. D. Carlos, na mesa de pedra!...

Affonso da Maia lá estava, n'esse recanto do quintal, sob os ramos do cedro, sentado no banco de cortiça, tombado por sobre a tosca mesa, com a face cahida entre os braços.

O chapeu desabado rolara para o chão; nas costas, com a gola erguida, conservava o seu velho capote azul. Em volta, nas folhas das camelias, nas aleas arcadas, refulgia, côr d'ouro, o sol fino d'inverno. Por entre as conchas da cascata o fio d'agua punha o seu choro lento.

Arrebatadamente, Carlos levantara-lhe a face, já rigida, côr de cera, com os olhos cerrados, e um fio de sangue aos cantos da longa barba de neve. Depois cahiu de joelhos no chão humido, saccudia-lhe as mãos, murmurando:

— O' avô! ó avô!

Correu ao tanque, borrifou-o de agua:

— Chamem alguem! Chamem alguem!

Outra vez lhe palpava o coração... Mas estava morto. Estava morto, já frio, aquelle corpo que, mais velho que o seculo, resistira tão formidavelmente, como um grande roble, aos annos e aos vendavaes. Alli morrera solitariamente, já o sol ia alto, n'aquella tôsca mesa de pedra onde deixara pender a cabeçr cansada.

Quando Carlos se ergueu, Ega apparecia, esguedelhado, embrulhado no robe-dechambre.

Carlos abraçou-se n'elle, tremendo todo, n'um chôro despedaçado. Os criados em redor olhavam, aterrados. E a governante, como tonta, entre as ruas de roseiras, gemia com as mãos na cabeça:

— Ai o meu rico senhor, ai o meu rico senhor!

Mas o porteiro, esbaforido, chegava com o medico, o dr. Azevedo, que felizmente encontrara na rua. Era um rapaz, apenas sahido da Escola, magrinho e nervoso, com as pontas do bigode muito frisadas. Deu em redor, atarantadamente, um comprimento aos criados, ao Ega, e a Carlos, que procurava serenar com a face lavada de lagrimas. Depois, tendo descalçado a luva, estudou todo o corpo de Affonso com uma lentidão, uma minuciosidade que exagerava, á medida que sentia em volta, mais anciosos e attentos n'elle, todos aquelles olhos humedecidos. Por fim, diante de Carlos, passando nervosamente os dedos no bigode, murmurou termos technicos..... De resto, dizia já, o collega se teria compenetrado de que tudo infelizmente findara. Elle sentia das véras da alma o desgosto... Se para alguma coisa fosse necessario, com o maximo prazer...

—Muito agradecido a v. ex.ª, balbuciou Carlos.

Ega, em chinelas, deu alguns passos com o sr. dr. Azevedo, para lhe indicar a porta do jardim.

Carlos no emtanto ficara defronte do velho sem chorar, perdido apenas no espanto d'aquelle brusco fim! Imagens do avô, do avô vivo e forte, cachimbando ao canto do fogão, regando de manhã as roseiras, passavam-lhe n'alma, em tropel, deixando-lh'a cada vez mais dorida e negra.... E era então um desejo de findar tambem, encostar-se como elle áquella mesa de pedra, e sem outro esforço, nenhuma outra dôr da vida, cahir como elle na sempiterna paz. Uma restea de sol, entre os ramos grossos do cedro, batia a face morta de Affonso. No silencio os passaros, um momento espantados, tinham recomeçado a chalrar. Ega veio a Carlos, tocou-lhe no braço:

— E' necessario leval-o para cima.

Carlos beijou a mão fria que pendia. E, devagar, com os beiços a tremer, levantou o avô pelos hombros carinhosamente. Baptista correra a ajudar; Ega, embaraçado no seu largo roupão, segurava os pés do velho. Atravez do jardim, do terraço cheio de sol, do escriptorio onde a sua poltrona esperava diante do lume aceso, foram-o transportando n'um silencio só quebrado pelos passos dos criados que corriam a abrir as portas, acudiam, quando Carlos, na sua perturbação, ou o Ega fraquejavam sob o peso do grande corpo.

A governanta já estava no quarto de Affonso com uma colcha de seda para estender na singela cama de ferro, sem cortinado. E alli o depuzeram emfim sobre as ramagens claras, bordadas na seda azul.

Ega acendera dois castiçaes de prata: a governante, de joelhos á beira do leito, esfiava o rosario: e Mr. Antoine, com o seu barrete branco de cosinheiro na mão, ficára á porta, junto d'um cesto que trouxera, cheio de camelias e palmas de estufa. Carlos, no emtanto, movendo-se pelo quarto, com longos soluços que o sacudiam, voltava a cada instante, n'uma derradeira e absurda esperança, palpar as mãos ou o coração do velho.

Com o jaquetão de velludilho, os seus grossos sapatos brancos, Affonso parecia mais forte e maior, na sua regidez, sobre o leito estreito: entre o cabello de neve cortado á escovinha e a longa barba desleixada, a pelle ganhára um tom de marfim velho, onde as rugas tomavam a dureza d'entalhaduras a cinzel: as palpebras engelhadas, de pestanas brancas, pousavam com a consolada serenidade de quem emfim descança; e ao deitarem-no uma das mãos ficára-lhe aberta e posta sobre o coração, na simples e natural attitude de quem tanto pelo coração vivera!

Carlos perdia-se n'esta contemplação dolorosa.

E o seu desespero era que o avô assim tivesse partido para sempre, sem que entre elles houvesse um adeus, uma doce palavra trocada.

Nada! Apenas aquelle olhar angustiado, quando passara com a vela acesa na mão. Já então elle ia andando para a morte. O avô sabia tudo, d'isso morrera! E esta certeza sem cessar lhe batia n'alma, com uma longa pancada repetida e lugubre.

O avô sabia tudo, d'isso morrera!

Ega veio com um gesto indicar-lhe o estado em que estavam—elle de robe-de-chambre, Carlos com o paletot sobre a camisa de dormir:

—E' necessario descer, é necessario vestir-nos.

Carlos balbuciou:

— Sim, vamo-nos vestir.

Mas não se arredava. Ega levou-o brandamente pelo braço. Elle caminhava como um somnambulo passando o lenço devagar pela testa e pela barba. E de repente no corredor, apertando desesperadamente as mãos, outra vez coberto de lagrimas, n'um agoniado desabafo de toda a sua culpa:

— Ega, meu querido Ega! O avô viu-me esta manhã quando entrei! E passou, não me disse nada... Sabia tudo, foi isso que o matou!

Ega arrastou-o, consolou-o, repellindo tal ideia.

Que tolice! O avô tinha quasi 80 annos, e uma doença de coração.... Desde a volta de Santa Olavia, quantas vezes elles tinham fallado n'isso, aterrados!

Era absurdo ir fazer-se agora mais desgraçado com semelhante imaginação!

Carlos murmurou, devagar, como para si mesmo, com os olhos postos no chão:

— Não! E' estranho, não me faço mais desgraçado! Aceito isto como um castigo... Quero que seja um castigo... E sinto-me só muito pequeno, muito humilde diante de quem assim me castiga. Esta manhã pensava em matar-me. E agora não! E' o meu castigo viver, esmagado para sempre... O que me custa é que elle não me tivesse dito *adeus!*

De novo as lagrimas lhe correram, mas lentas, mansamente, sem desespero. Ega levou-o para o quarto, como uma creança. E assim o deixou a um canto do sofá, com o lenço sobre a face, n'um choro continuo e quieto, que lhe ia lavando, alliviando o coração de todas as angustias confusas e sem nome que n'esses dias derradeiros o traziam suffocado.

Ao meio dia, em cima, Ega acabava de vestir-se quando Villaça lhe rompeu pelo quarto de braços abertos.

— Então como foi isto, como foi isto?

Baptista mandara-o chamar pelo trintanario, mas o rapazola pouco lhe soubera contar. Agora em baixo o pobre Carlos abraçara-o, coitadinho, lavado em lagrimas, sem poder dizer nada, pedindo-lhe só para se entender em tudo com o Ega... E alli estava.

— Mas como foi, como foi, assim de repente?...

Ega contou, brevemente, como tinham encontrado Affonso de manhã no jardim, tombado para cima da mesa de pedra. Viera o dr. Azevedo, mas tudo acabára!

Villaça levou as mãos á cabeça:

—Uma coisa assim! Creia o amigo! Foi essa mulher, essa mulher que ahi appareceu, que o matou! Nunca foi o mesmo depois d'aquelle abalo! Não foi mais nada! Foi isso!

Ega murmurava, deitando maquinalmente agua de colonia no lenço:

—Sim, talvez, esse abalo, e oitenta annos, e poucas cautelas, e uma doença de coração.

Fallaram então do enterro, que devia ser simples como convinha áquelle homem simples. Para depositar o corpo, emquanto não fosse trasladado para Santa Olavia, Ega lembrara-se do jazigo do marquez.

Villaça coçava o queixo, hesitando:

— Eu tambem tenho um jazigo. Foi o proprio sr. Affonso da Maia que o mandou erguer para meu pae, que Deus haja... Ora parece-me que por uns dias ficava lá perfeitamente. Assim não se pedia a ninguem, e eu tinha n'isso muita honra...

Ega concordou. Depois fixaram outros detalhes de convite, de hora, de chuve do caixão. Por fim Villaça, olhando o relogio, ergueu-se com um grande suspiro:

— Bem, vou dar esses tristes passos! E cá appareço logo, que o quero vêr pela ultima vez, quando o tiverem vestido. Quem me havia de dizer! Ainda antes de hontem a jogar com elle... Até lhe ganhei tres mil réis, coitadinho!

Uma onda de saudade suffocou-o, fugiu com o lenço nos olhos.

Quando Ega desceu, Carlos, todo de luto, estava sentado á escrivaninha, diante d'uma folha de papel. Immediatamente ergueu-se, arrojou a penna.

— Não posso!... Escreve-lhe tu ahi, a ella, duas palavras.

Em silencio, Ega tomou a penna, redigiu um bilhete muito curto. Dizia: »Minha senhora. O sr. Affonso da Maia morreu esta madrugada, de repente, com uma apoplexia. V. ex.ª comprehende que, n'este momento, Carlos nada mais póde do que pedir-me para eu transmittir a v. ex.ª esta desgraçada noticia. Creia-me, etc.» Não o leu a Carlos. E como Baptista entrava n'esse momento, todo de preto, com o almoço n'uma bandeja, Ega pediu-lhe para mandar o trintanario com aquelle bilhete á rua de S. Francisco. Baptista segredou sobre o hombro do Ega:

—E' bom não esquecer as fardas de luto para os creados...

—O sr. Villaça já sabe.

Tomaram chá á pressa em cima do taboleiro. Depois Ega escreveu bilhetes a D. Diogo e ao Sequeira, os mais velhos amigos de Affonso: e davam 2 horas quando chegaram os homens com o caixão para amortalhar o corpo. Mas Carlos não permittiu que mãos mercenarias tocassem no avô.

Foi elle e o Ega, ajudados pelo Baptista, que, corajosamente, recalcando a emoção sob o dever, o lavaram, o vestiram, o depuzeram dentro do grande cofre de carvalho, forrado de setim claro, onde Carlos collocou uma miniatura de sua avó Runa.

A' tarde, com auxilio de Villaça, que voltára «para dar o ultimo olhar ao patrão», desceram-no ao escriptorio que Ega não quizera alterar nem ornar, e que, com os damascos escarlates, as estantes lavradas, os livros juncando a carteira de pau preto, conservava a sua feição austera de paz estudiosa. Sómente, para depôr o caixão, tinham juntado duas largas mezas, recobertas por um panno de velludo negro que havia na casa, com as armas bordadas a ouro.

Por cima o Christo de Rubens abria os braços sobre a vermelhidão do poente. Aos lados ardiam doze castiçaes de prata. Largas palmas d'estufa cruzavam-se á cabeceira do esquife, entre ramos de camelias. E Ega acendeu um pouce de incenso em dois perfumadores de bronze.

A' noite o primeiro dos velhos amigos a apparecer foi D. Diogo, solemne, de casaca. Encostado ao Ega, aterrado diante do caixão, só pode murmurar:—«E tinha menos sete mezes que eu!» O marquez veio já tarde, abafado em mantas, trazendo um grande cesto de flores.

Craft e o Cruges nada sabiam, tinham-se encontrado na rampa de Santos;—e receberam a primeira surpreza ao vêr fechado o portão do Ramalhete. O ultimo a chegar foi o Sequeira, que passára o dia na quinta, e se abraçou em Carlos, depois no Craft ao acaso, entontecido, com uma lagrima nos olhos injectados. balbuciando:—«Foi-se o companheiro de muitos annos. Tambem não tardo!...»

E a noite de vigilia e pezames começou lenta e silenciosa. As doze chamas das velas ardiam, muito altas, n'uma solemnidade funeraria. Os amigos trocavam algum murmurio abafado, com as cadeiras chegadas.

Pouco a pouco, o calor, o aroma do incenso, a exhalação das flores forçaram o Baptista a abrir uma das janellas do terraço. O céo estava cheio d'estrellas. Um vento fino susurrava nas ramagens do jardim.

Já tarde Sequeira, que não se movera de uma poltrona, com os braços cruzados, teve uma tontura. Ega levou-o á sala de jantar, a reconfortal-o com um calice de cognac; Havia lá uma ceia fria com vinhos e doces. E Craft veio tambem—com o Taveira, que soubera a desgraça na redacção da «Tarde», e correra quasi sem jantar. Tomando um pouco de Bordeus, uma «sandwich», Sequeira reanimava se, lembrava o passado, os tempos brilhantes, quando Affonso e elle eram novos. Mas emmudeceu vendo apparecer Carlos; pallido e vagaroso como um somnambulo, que balbuciou: «Tomam alguma cousa, sim, tomem alguma cousa...»

Mexeu n'um prato, deu uma volta á mesa, sahiu. Assim vagamente foi até a ante-camara. onde todos os candelabros ardim. Uma figura esguia e negra surgiu da escada. Dois braços enlaçaram-no. Era o Alencar.

— Nunca vim cá nos dias felizes, aqui estou na hora triste!

E o poeta seguiu pelo corredor, em pontas de pés, como pela nave de um templo.

Carlos no entanto deu ainda alguns passos pela ante-camara. Ao canto de um divan ficara um grande cesto com uma coroa de flores, sobre que pousava uma carta. Reconheceu a letra de Maria. Não lhe tocou, recolheu ao escriptorio. Alencar, diante do caixão, com a mão pousada no hombro do Ega, murmurava: «Foi-se uma alma de heroe!»

As velas iam-se consumindo. Um cansaço pesava. Baptista fez servir café no bilhar. E ahi, apenas recebeu a sua chavena, Alencar, cercado do Cruges, do Taveira, do Villaça, rompeu a fallar tambem do passado, dos tempos brilhantes d'Arroios, dos rapazes ardentes d'então:

—Vejam vocês, filhos, se se encontra ainda uma gente como estes Maias, almas de leões, generosos, valentes!.. Tudo parece ir morrer n'este desgraçado paiz!... Foi-se a faisca, foi-se a paixão... Affonso da Maia! Parece que o estou a vêr, á janella do palacio em Benfica, com a sua grande gravata de setim, aquella cara nobre de portuguez d'outr'ora... E lá vae! E o meu pobre Pedro tambem... Caramba, até se me fez a alma negra!

Os olhos ennevoavam-se-lhe, deu um immenso sorvo ao cognac.

Ega, depois de beber um gole de café, voltára ao escriptorio, onde o cheiro de incenso espalhava uma melancolia capella. D. Diogo, estirado no sofá, resonava; Sequeira defronte dormitava tambem, descahido sobre os braços cruzados, com todo o sangue na face. Ega despertou-os de leve. Os dois velhos amigos, depois d'um abraço a Carlos, partiram na mesma carruagem, com os charutos accêsos. Os outros, pouco a pouco, iam tambem abraçar Carlos, enfiavam os paletots. O ultimo a sair foi Alencar, que, no pateo beijou o Ega n'um impulso d'emoção, lamentando ainda o passado, os companheiros desapparecidos:

—O que me vale agora são vocês, rapazes, a gente nova. Não me deitem á margem! Senão caramba, quando quizer fazer uma visita tenho de ir ao cemiterio. Adeus, não apanhes frio!

O enterro foi ao outro dia, á uma hora. O Ega, o marquez, o Craft, o Sequeira levaram o caixão até á porta, seguidos pelo grupo de amigos, onde destacava o conde de Gouvarinho, solemnissimo, de gran-cruz. O conde de Steinbroken, com o seu secretario, trazia na mão uma corôa de violetas. Na calçada estreita os trens apertavam-se, n'uma longa fila que subia, se perdia pelas outras ruas, pelas travessas; em todas as janellas do bairro se apinhava gente: os policias berravam com os cocheiros. Por fim o carro, muito simples, rodou, seguido por duas carruagens da casa, vazias com as lanternas recobertas de longos véos de crepe que pendiam.

Atraz, um a um desfilaram os trens da Companhia com os convidados, que abotoavam os casacos, corriam os vidros contra a friagem do dia ennevoado. O Darque e o Vargas iam no mesmo coupé. O correio do Gouvarinho passou choutando na sua pileca branca. E, sobre a rua deserta, cerrou-se finalmente para um grande luto o portão do Ramalhete.

(«Os Maias.») *Eça de Queiroz.*

O TEMPLO DA DEUSA BANDUE

As linhas que vão lêr-se são extrahidas de interessantissimo relatorio sobre as ruinas romanas, descobertas junto da povoação do Castro d'Avelãs, no mez de fevereiro de 1887, elaborado, de ordem da Sociedade Martins Sarmento, por um dos mais abalisados membros d'aquella douta corporação, o sr. Henriques Pinheiro, erudito investigador da archeologia nacional, notavel pela exacção do saber e pela elegante clareza com que expende os resultados das suas laboriosas indagações

A sudoeste da extremidade occidental das ruinas, á distancia de um kilometro, está situada a povoação de Gostei na parte mais baixa de um pequeno valle. Subindo este valle, e percorrendo um kilometro encontram-se n'este espaço a Castanheira, Fermil e S. Claudio.

A cavalleiro de Fermil existe um outeiro, n'um estribo da Serra de Nogueira, denominado Castro de Fermil; tem sido explorado como pedreira pelas povoações visinhas, e não me consta que ahi haja vestigios de ruinas.

Ao sul de Gostei, no termo da povoação de Nogueira, e a um kilometro d'aquella povoação, ha um imponente outeiro; no cume d'este outeiro existe a ermida da Senhora da Cabeça.

Encontrei ahi vestigios de ruinas romanas, alguns fragmentos de telha de rebordo e de louza grosseira, mas em pequena quantidade.

Está á vista a rocha em quasi toda a superficie do outeiro e terrenos adjacentes.

A léste de Castro d'Avellãs, caminho de Bragança, ha um outeiro, cuja base O. principia junto áquella povoação, e que tem aproximadamente um kilometro de extensão; é formado por terrenos de transporte, argilla e pedras roladas, e separado de Bragança por uma planicie inculta de dois kilometros. Na explanada, que existe no cume do outeiro, ha vestigios de um fosso e de muro; tem o nome de Monte do Castro.

A povoação de Castrellos está situada a quatro kilometros a noroeste de Castro d'Avellãs, na estrada velha de Bragança a Vinhaes. Da lenda de ter havido ali o tumulo de um general romano, falla Argote (1.º vol., pag. 392), quando diz: «O sepulchro do proconsul Caio Sempronio Tuditano foi achado no anno de 1591 em Bragança, e dizia:

SENPRON. TVDIT.
NVMORVM. IX. M.

«E ao pé d'esta sepultura se achára uma pia de pedra cheia de moedas de ouro com o nome do imperador Antonio.»

No Grande Diccionario Historico de Moreri, na palavra Bragança, lê-se tambem o seguinte:

«Bragança, fundada por Brigo, IV rei de Hespanha, em 2063. Ampliou-a Caio Sempronio pretor, cuja sepultura se achou em Castrellos em 1591, na occasião em que andavam abrindo os fundamentos para uma ermida. Continha a referida sepultura moedas em ouro.» Ainda não pude ir a Castrellos e não me consta que ahi haja ruinas romanas.

Incumbiu-me o sr. Martins Sarmento de averiguar se na ermida da Senhora da Pedra, perto da povoação Cova de Lua, existiria uma ara consagrada á deusa BANDVE.

Dirigindo-me para aquella povoação, situada á distancia de doze kilometros de Bragança, na direcção NO., informaram-me no caminho, que d'aquella ermida já não existiam senão as ruinas, e em pé sómente um resto da parede da frontaria.

Em vista d'isto, dirigi-me primeiramente áquella povoação para colher informações a respeito da ermida, e com o fim de vêr se encontrava algum monumento lapidar na egreja, no adro ou no cemiterio da povoação, e para averiguar tambem se haveria ahi alguma tradicção ou legenda ligada ao nome *Cova de Lua*. Nenhuns esclarecimentos colhi a este respeito, e não encontrei coisa que mereça mencionar-se; disseram-me sómente que uma imagem, que me mostraram n'um dos altares da egreja da povoação, era a Senhora da Hedra, e que não se sabia em que tempo fora transportada da ermida para a egreja.

De Cova de Lua indicaram-me as ruinas da ermida n'um monte fronteiro; antes de avistar as ruinas vi uma collina em que se conheciam perfeitamente quatro andares de defeza, cavados em espiral, e avistei em seguida as ruinas da ermida na encosta de um monte, por detraz da collina.

Encontrei ahi muitos fragmentos de telha de rebordo e alguns de ceramica de importação. Entre a collina e as ruinas da ermida ha um plaino de mais de um hectare de entensão e de terra profunda; na extremidade E. de este plaino ha uma ravina, cavada pelas aguas das chuvas, onde se véem restos de paredes.

Não ha duvida que alli houve edificações, o que é comprovado pelo nome que tem a collina; perguntei a um velho que andava a regar um lameiro junto á base da collina, como esta se chamava; disse-me que era o Lombeiro dos Casarelhos. O Lombeiro dos Casarelhos é todo uma rocha, uma fortaleza *nova em folha*, um dos andares faz parte da estrada que liga as povoações do norte com as do sul da montanha; a população é muito densa n'aquella região do concelho de Bragança, e muito rica, principalmente em pastagens ou prados naturaes.

As ruinas da ermida são insignificantes, tenho porém quasi a certeza que as ruinas do templo hão de apparecer no plaino, entre a collina e as ruinas da ermida. A collina está encaixada na quebrada do monte, que é todo elle uma floresta; a parte superior eleva-se acima do plaino, occultando-o a quem olha da encosta fronteira, do outro lado do valle. A Cova de Lua deveria ser n'este valle, onde existe um lago de quatrocentos metros quadrados de superficie aproximadamente.

O lago formou-se n'uma noste ha cerca de trinta annos, e diz-se que tem communicação subterranea com uma caverna ou gruta que existe a uns duzentos metros de distancia, junto dos fornos de cal.

Custou-me a deixar aquelle encantador retiro, onde a deusa Bandue e a Senhora da Hedra existiram, e talvez em boa harmonia, como aconteceria na Torre Velha e em S. Sebastião a respeito do deus Aerno e do Santo Martyr.

Se o governo olhar para estas interessantes coisas, o Lombeiro dos Casarelhos deve ser conservado como modelo no seu generoso templo da deusa Bandue, que deve apparecer, deve ser restaurado, bem como a ermida da Senhora de Hedra, que, segundo me disseram, fizera alli muitos milagres.

Com algum auxilio do governo e com as offertas dos devotos que alli concorressem em romaria, poderiam conservar-se aquelles monumentos.

Da iniciativa local, da camara de Bragança ou da junta geral, nada ha que esperar; e como os Martins Sarmentos são raros, só o governo póde salvar do esquecimento ou da completa destruição o que por ahi vae apparecendo; pois parece que a maioria dos nossos archeologos teem mais vaidade do que enthusiasmo pela sciencia.

Perto de Cova de Lua existe outro Castro que ainda não tive occasião de vêr; existe na serra de Soutello.

Voltando para Bragança, conduziram-me ao Castro da Moura ou Torre do Thesouro.

Ahi encontrei vestigios de ruinas, mas insignificantes: está situado a meia distancia de Bragança e de Cova de Lua.

Conversando com o sr. Albino Vidal, chefe da estação telegraphica de Bragança, a respeito do Castro d'Avelãs, doze ou quinze dias antes de surgir em Bragança o sr. Borges de Figueiredo, disse-me o sr. Vidal que possuia um bezerrinho (uma vaquinha) que fôra encontrado no Castro de Sacoias, terra da sua naturalidade, que havia tambem ali telha semelhante á que apparecia nas ruinas de Castro de Avellãs, e que seu irmão possuia duas lapides que foram tambem encontradas no mesmo monte onde appareceu a vaquinha.

Pedi-lhe que me mostrasse a vaquinha, e vendo-a, reconheci que era de bronze, coberta de *patine*.

Tinha na cabeça um furo onde devia aparafusar uma peça, talvez uma meia lua.

Na mesma occasião me mostrou a copia da inscripção de uma das lapides que me tinha fallado: era a do cippo funerario — ARRO-CLOVAL, que o sr. Borges de Figueiredo transcreveu no n.º 6, volume I, da sua *Revista Archeologica*, com o n.º 2.

Pedi-lhe que me cedesse a vaquinha; pediu-me porem quantia que eu não me atrevi a dar-lhe sem auctorisação do sr. Martins Sarmento.

Passadas algumas semanas, cedeu-m'a pelo preço de 13$000 reis.

As ruinas de incontestavel valor archeologico, e que por isso convinha desde já explorar, são as de Castro de Avellãs, Sacoias e as de Cova de Lua.

José Henriques Pinheiro.

30

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

— Com S. Antonio! exclamou o gigante franzindo a negra sobrancelha, consinto em passar por saxonio, se jamais Cedric, ou Wilfrid, ou qualquer da sua raça me arranca o presente que vossa alteza ha por bem fazer-me.

— Aquelle que te chamar saxonio, sir barão, replicou Cedric offendido, uma expressão que os normandos empregavam muitas vezes para testemunhar o desprezo que pelos inglezes tinham, far-te-ha uma honra tanto maior quanto menos merecida.

Cabeça-de-Boi ia a replicar, mas a petulancia e a leviandade do principe tomaram-lhe a dianteira.

— Palavra de honra, mylords, o que o nobre Cedric diz, é verdade, e elle e os de sua raça podem gabar-se que nos levam vantagem em duas cousas; nas capas e nas genealogias, que tão prolixas são umas, como compridas outras.

— Certamente, são como os gamos que a fugir deixam em branco os cães.

— Que immensos motivos não teem para reclamar a ancianidade, diz o prior Aymer, quando não fôra senão pelas suas maneiras nobres e graciosas!

—Pela sua temperança inteiramente notavel, accrescentou Bracy, esquecendo-se de que, segundo o plano do principe, devia desposar-se com uma saxonia.

— Pois a respeito de valor, isso são outros quinhentos, accrescentou Brian de Bois-Guilbert, haja vista ás *proezas que obraram em Hastings*, e n'outros logares mais.

Em quanto os cortezãos arremedando o principe se divertiam á custa de Cedric, mettendo-o em desespero, abrasavam-se-lhe a este de colera as faces. Olhando-os com carrancudo rosto, sem articular uma só palavra, como se tão multiplicadas injurias lhe tivessem tolhido a falla, era comparavel a um touro que acossado dos cães para sem saber a qual d'elles se envie com as ameaçadoras pontas. Em fim, rompendo o silencio dirigiu-se ao principal author d'aquelle insulto, dizendo:

— Quaesquer que sejam os defeitos e vicios da nossa raça, um saxonio seria considerado entre os seus como *Nidering* (1), o termo de desprezo mais émphatico, se no seu proprio palacio, e á sua propria mesa, tratasse um hospede que o não tivesse offendido, como vossa alteza hoje me trata; e, quaesquer que sejam os revezes que experimentaram os nossos antepassados na batalha de Hastings, ao menos não deverão fallar n'elles os que hoje acabam de ser vencidos por um saxonio.

— Com effeito, diz o principe, eis uma disputa bem divertida. Que dizeis vós senhores? Os nossos subditos saxonios fazem progressos em coragem e em espirito. São tão joviaes como atrevidos n'estes tempos de desordens. Quanto a mim persuado-me que o remedio que temos será o de nos mettermos em nossos navios, e voltaremos para a Normandia.

— Com susto dos saxonios? disse de Bracy, rindo-se. Não precisavamos d'outras armas mais do que das nossas

(1) Era a maior affronta entre os saxonios, merecer este epitheto.

partazanas da caça para trazer á razão estes ursos,

— *Basta de zombarias, senhores* cavalleiros, diz Fitzurse, e seria bom, accrescentou elle dirigindo-se ao principe, que vossa alteza assegurasse ao bom Cedric que todos estes ditos, que devem parecer um tanto duros aos ouvidos d'um estrangeiro, não são mais do que uma brincadeira, e que nenhum de nós tem tenção de o insultar.

— De o insultar? respondeu o principe tornando a tomar os seus modos graciosos e pollidos; é o que eu não consentiria que jamais se fizesse na minha presença. Mylords, bebo á saude do proprio Cedric, visto que elle se recusa a beber á saude de seu filho.

O copo passou de mão em mão, no meio dos applausos perfidos dos cortezãos; mas o saxonio não se deixou embair com estas falsas demonstrações. Tinha pouca finura e penetração de espirito; mas era julgal-o demasiado estupido suppondo-se que este comprimento lisongeiro lhe faria esquecer o insulto, que lhe tinha sido feito. Guardou com tudo silencio, e o principe propoz depois uma saude a Athelstane do Coningsburgh.

O cavalleiro inclinou a cabeça e respondeu á honra que se lhe fazia bebendo d'um trago o vinho que tinha no copo.

— Agora, senhores, que fizemos justiça aos nossos hospedes, disse o principe, a quem começava já a esquentar-se a cabeça com a influencia dos vapores do vinho, é justo que a seu turno respondam á nossa cortezia fazendo-nos uma saude. Nobre thane, accrescentou elle, dirigindo-se para Cedric, tende a bondade de nomear um normando, aquelle que mais digno fôr da vossa estima, e despejai em honra sua a taça que diante tendes.

Fitzurse levanton-se em quanto o principe João fallava, e collocando-se por detraz do saxonio, aconselhou-o que não deixasse perder aquella occasião de fazer cessar a animosidade, que entre os normandos e saxonios reinava, bebendo á saude do principe João. Não lhe deu ouvidos o saxonio; antes pelo contrario ergnendo-se, e enchendo até á borda a taça, que ante si tinha, do vinho mais exquisito disse ao principe o seguinte:

— Vossa alteza, ordena-me que nomeie um normando, e que lhe faça uma saude. Muito me custa a obedecer-lhe, que não ha cousa mais penivel para um vencido do que entoar os louvores do vençedor; para um escravo, que celebrar a gloria d'aquelle que o despojou da liberdade; far-lhe-hei comtudo a vontade: sim, nomearei um, o primeiro pela sua ordem e coragem, o melhor e o mais nobre da sua raça; e aquelle que recusar repetir o seu nome, direi que é um cobarde, destituido de todos os sentimentos d'honra; digo-o e sustental-o-hei com risco da minha vida. Cavalleiros, á saude de Ricardo Coração-de-Leão!

O principe João, que tinha esperado que o seu nome terminasse esta barenga do saxonio, sobresaltou-se ouvindo proferir tão inopinadamente o nome de seu irmão. Levou machinalmente a taça aos beiços, e tornou-a a pôr na mesa para examinar o effeito, que esta proposição inesperada tinha produzido nos convivas. Muitos antigos cortezãos, cheios d'experiencia imitaram fielmente o exemplo, que o principe tinha dado, levando as taças aos beiços, e repondo-as sobre a mesa immediatamente. Outros, arrastados por um sentimento mais generoso, exclamaram com enthusiasmo: «Viva o rei Ricardo! e possa elle bem depressa ser-nos restituido! «Alguns, Cabeça-de-Boi, e o templario eram do pequena numero, nem mesmo tocaram nas suas taças, e ficaram immoveis. olhando para Athelstane com um ar de desprezo ou antes de indifferença. Mas ninguem ousou oppôr-se abertamente a que se fizesse uma saude ao soberano reinante.

Depois de ter gosado do seu triumpho durante quasi um minuto, Cedric disse ao seu companheiro:

— Levantemo-nos, nobre Athelstane! já aqui ficámos bastante tempo, visto que respondemos á cortezia do principe João, que preencheu tão dignamente para comnosco os deveres da hospitalidade. Aquelles que quizerem conhecer mais cabalmente as maneiras rudes e grosseiras dos saxonios podem vir ver-nos nas moradas dos nossos antepasssados, que nunca mais largaremos; sabemos agora o que é um banquete real, e qual a civilidade normanda.

A estas palavras saiu acompanhado d'Athelstane e de muitos outros convidados, saxonios como elles, e que se deram por offendidos pelas injurias do principe João, e dos seus cortezãos.

— Pelos ossos de S. Thomaz! disse o principe depois de terem saido, estes rusticos saxonios tiveram todas as honras do dia, e retiraram-se triumphantes.

— *Conclamatum et poculatum est*, disse o prior Aymer, bebemos e gritámos: seria tempo que deixassemos as garrafas.

— O frade, disse Bracy, tem alguma penitente que confessar esta noute, pois está com tanta pressa?

— Não, senhor cavalleiro, replicou o abbade, mas tenho muitas milhas que caminhar *esta noute, antes de* chegar á minha humilde morada.

— Eil-os que de mim se desligam, disse o principe em segredo; Fitzurse a tremer já com medo, e este prior poltrão é o primeiro que me abandona.

— Não tenha vossa graça esse receio, eu farei com que elles sejam comnosco em York, como temos determinado. E voltando-se para o prior lhe disse que desejava fallar-lhe em particular antes que se fosse.

Os demais convidados haviam desapparecido, e os unicos, que ali estavam eram os da companhia do principe, ou que seguiam o seu partido declaradamente.

— Eis o resultado dos vossos conselhos, disse o principe lançando um olhar irritado para Fitzurse. Affrontam-me á minha propria mesa: um saxonio ousa insultar-me, e porque acertou de articular o nome de meu irmão, todos de mim fogem como se tivéra lepra.

— Não vos queixeis de mim, principe, mas sim da vossa imprudencia e leviandade. Porém ponhâmos isto de parte; Bracy ajudar-me-ha a persuadir a esses cobardes que já não é tempo de recuar, estando tão compromettidos, como estão, e provavelmente os traremos a nossos fins.

— Será debalde, diz o principe dando desordenados passos pela sala, e com uma agitação talvez occasionada pelos excessos que havia feito, será debalde. Elles viram, como Balthazar, escrever ne parede a mão do anjo; viram na areia as pegadas do leão, ouviram os seus rugidos que faziam estremecer o deserto; nada poderá já darlhes valor.

— Deus queira dal-o ao nosso principe, disse para Bracy, Fitzurse, em *ouvindo o nome do irmão eil-o a tremer*, como se tivera maleitas. Quanto é para lastimar a sorte d'aquelles que se véem obrigados a servir e aconselhar um principe, que nem no mal nem no bem persevéra!

XV

Elle me julga
Instrumento servil da sua vontede!
Pois bem, verá no meio da desordem
Que deve resultar do seu conloio
Que saberei fazer o meu partido:
Quem dirá que fiz mal?

Joanna Bailie, Baril, tragedia.

Nunca aranha teve maior trabalho para fazer a sua teia desarranjada, do que Fitzurse para reunir os membros espalhados do partido de João. Poucos lhe eram affeiçoados por inclinação, nenhum porque se fizessem d'elle bom conceito. Era pois necessario que Fitzurse lhe trouxesse á memoria as vantagens, que elles tinham achado até na protecção do principe, e lhes mostrasse no futuro uma perspectiva ainda mais brilhante. Aos jovens nobres, escravos dos seus prazeres, offerecia o engodo d'uma desenfreada licença; aos ambiciosos seduzia-os com a esperança das honras, e lisongeava as almas interessadas com a promessa de novos dominios, e de os encher de riquezas. Concedia gratificações aos chefes das bandas mercenarias, argumento o mais poderoso para o seu espirito, e sem o qual todos os outros eram inuteis. Este agente activo destribuia ainda mais promessas do que dinheiro; em fim empregava quantos meios podia para chamar a seu partido os irresolutos, e animar os que descoroçoavam.

(Continúa.)

CORREIO DE LISBOA

3 DE JULHO DE 1888.

Acaba de ser votada na camara alta a generalidade do projecto de lei dos cereaes. Esta questão tinha tomado um grande vulto. Quer o governo defender a causa dos pobres, não quer que o exagero do imposto promova a elevação do preço do pão: quer a opposição o contrario d'isto. D'aqui o conflicto, e tão acerado foi elle, que a grey serpacia teve de chamar os curifeus de que dispõe e que tinha como que acantonados na provincia: vieram as chamadas *mûlas de reforço*, mas de pouco serviram, porque a questão acaba de decidir-se por 73 votos que o governo alcançou, por 42 que a opposição, chamando tudo, obteve. Nem o sr. conde de Margaride, nem o sr. visconde d'Almeidinha, nem o sr. Ernesto da Costa Pinto Basto faltaram ao chamamento. O povo, os pobres, que vejam agora de que lado lhe parte a guerra e quem é que o protege.

Na camara alta chegaram a reunir-se 115 pares, e as galerias cheias. Nunca alli se viu animação tão extraordinaria. Não parecia ser o momento d'uma votação—parecia antes ser a vespera d'uma revolução. Havia apostas sobre a maioria provavel do governo. Os mais experimentados davam-lhe 20: o resultado porém foi de 31—o que quer dizer que os pobres não estão ainda de todo sem protecção.

Na camara electiva prosegue a discussão do projecto sobre a expropriação por zonas. Este deve ficar talvez votado hoje na sessão da noute. Ultimamente está fallando sobre elle o sr. Arroyo, que fiel ao seu invariavel systema de tudo impedir, vae n'esse caminho. Ha-de responder-lhe o sr. presidente do conselho, e vantajosamente como costuma.

— Por uma carta que recebi d'ahi vejo que foi mal interpretado o que eu disse em uma das minhas anteriores correspondencias, a proposito do local escolhido para o comicio do dia 24. Se ás minhas palavras se deu differente interpretação, não tenho eu a culpa; vá ella aos que tudo desvirtuam para fins bem conhecidos.

O que eu insinuei foi, que o dono do armazem da praça do Peixe se tinha entendido muito bem com uma sua cunhada, não obstante a educação freiratica que ella teve, pois é geralmente sabido que a sr.ª a quem me referia viveu por muitos annos no convento de Jesus, não sendo os seus habitos religiosos obstaculo ás boas relações da familia. Quaesquer que fossem os preconceitos que existiam de parte a parte, nunca se suscitou conflicto, antes houve sempre entre todos a melhor harmonia.

D'aqui poderia tirar-se apenas a seguinte conclusão, que era para estranhar o reviramento d'opiniões no dono do armazem, ao consentir que se fizesse em predio seu uma reunião em que se atacavam as praticas da egreja, a que a mesma senhora esteve ligada intimamente por actos de devoção bem conhecida de toda a cidade. Foi este o meu pensamento, que sinto fosse calumniado, quando deviam fazer-me justiça, não acreditando nunca em que eu, por politica, fosse capaz de injuriar a memoria de uma senhora, que gosou sempre de merecida fama, como pessoa séria e virtuosa.

— Effectuou-se a abertura das propostas para a oitava serie de bilhetos de thesouro. Appareceram trinta e cinco propostas. A emissão será em cinco de julho, pela quantia de duzentos e cincoenta e cinco contos de réis; dia dez, dois mil e seiscentos e sete contos; dia vinte, seiscentos e trinta e dois contos; e dia trinta, mil trezentos e seis contos. O governo proferiu as propostas do sr. José Joaquim Jara, de vinte e sete contos, ao praso de seis mezes e juros de tres e quarenta e cinco; do banco de Portugal, dois mil contos a tres mezes, ao juro de tres e cinco; D. Maria R. da C. Gomes, trezentos contos, ao praso de tres mezes, e juro de tres e cinco; D. Florinda Maria Victoria Cardoso Leal, cem contos, a tres mezes, e juro de tres e cinco; Eduardo Perry Vidal, quinze contos, a seis mezes, e juro de tres e sessenta; dito, cinco contos, a seis mezes, e juro idem; dito, cinco contos, a tres mezes, juro idem; barão de S. João de Canellas, cinco contos, a tres mezes, e juro de tres e cinco. Tambem preferiu dois mil oito centos e quarenta e tres contos por conta da proposta do Monte-Pio Geral de tres mil contos, ao praso de tres mezes e juro de tres e sessenta. Encargo medio para o thesouro é de cerca de 3 e 50 por cento ao anno.

— Reuniu como lhe havia dito ante-hontem no paço da Ajuda, e sob a presidencia de sua magestade el-rei, a assembleia geral da associação dos albergues nocturnos. O sr. conde de Valenças leu os respectivos relatorios e propoz as seguintes fundações: instituto modelo; escola de aprendizagem, comprehendendo instrucção primaria, educação religiosa e mestres; mais dois albergues em locaes apropriados. O sr. conde de Ribeiro da Silva propoz, e foi unanimemente approvado, que se registassem nas actas as felicitações da assembleia pelas melhoras de sua magestade o sr. D. Luiz. Tambem o sr. conde de Valenças propoz um voto de agradecimento á imprensa periodica, pela maneira distincta como se tem referido sempre á Real associação dos albergues nocturnos, attraindo para ella a sympathia publica e concorrendo para a sua prosperidade.

— Esteve concorridissimo no domingo de tarde e á noite, o bazar da Avenida em favor da *Associação promotora do ensino dos cegos*, produzindo cerca d'um conto de réis. Bem previamos, quando notavamos os attractivos que se reunem n'esta sympathica festa, que a população de Lisboa iria alli auxiliar uma instituição tão sympathica como aquella, e que encontrou nas principaes pessoas da capital, á frente das quaes os nossos monarchas, um valioso e forte auxilio. Hontem demoraram-se ali largo tempo El-Rei e Senhor D. Luiz, a Senhora D. Maria Pia, o sr. infante D. Affonso, o sr. presidente do conselho e os srs. ministros da fazenda e marinha. A Rainha esteve vendendo sortes e flores naturaes, que vimos pagar generosamente pelos srs. Fernando Palha, José Ribeiro da Cunha, Moser, visconde de Alemquer, Rodrigo de Sousa, barão Bellou, etc. Entre as sortes vendidas pelas gentilissimas mãos de Sua Magestade, saiu a um criado do sr conselheiro Navarro de Paiva o missal de Estevam Gonçalves, cujo valor é superior a réis 100$000. Mais premios valiosos couberam a outros populares: uma excellente espingarda Flaubert, uma cadeira esplendidamente bordada, um par de vasos de nikel de grande valor, etc, A Senhora D. Maria Pia promatteu ali voltar, e é de crer que o publico não falte tambem a ter o prazer e honra de lhe ir comprar sortes. Hontem o povo apinhava-se em tão grande massa em frente da barraca, que muitas pessoas deixaram de ali chegar por não poderem romper pela multidão. Entre as pessoas que vendiam, lembramo-nos de ter visto as ex.mas sr.as D. Maria Emilia Brandão Palha, condessa de Burnay e filhas, D. Rita de Barros Gomes e sobrinhas, D. Lucinda e D. Julia de Macedo, D. Magdalena Palha, D. Maria Emilia Seabra de Castro e filhas, D. Rita de Carvalho, condessa da Silva Sanches e filha, mademoiselle Barros e Sá, mademoiselle Pitta, mademoiselle Vasco Guedes, etc.

— As camaras despovoam-se e dentro de pouco não haverá numero para funccionarem. A'manhã parte para o Porto o nosso amigo o sr. deputado Antonio Simões dos Reis. Sua ex.ª é ali chamado pelo estado de saude de sua esposa.

— Foi enorme a concorrencia, ante-hontem, á exposição. O publico vae finalmente comprehendendo quanto ali tem que aprender, examinar e comparar em proveito proprio, e em beneficio da industria portugueza. Occasiões houve em que nas galerias nem se podia romper. A' noite, o recinto converteu-se no *rendez-vous* da primeira roda de Lisboa. Até hoje as entradas teem rendido perto de 8:500$000 reis.

— Sua magestade el-rei o sr. D. Luiz, permittiu que se estabelecesse uma carreira de salto na real tapada de Mafra, para uso da escola pratica de infanteria e cavallaria.

— Vae ser transferido do governo civil de Beja para o de Vizeu o sr. conselheiro José Ribeiro de Roboredo Sampaio e Mello.

— Reuniu hontem a Associação Agricola a fim de tratar de promover uma exposição vinicola e para discussão d'outros assumptos importantes.

— Chegou hoje a Lisboa o general Grohman que vem participar a El-rei o advento do imperador Guilherme II ao throno da Allemanha. A recepção no paço será proximamente.

— Teem reunido regularmente os cavalheiros incumbidos de realisar uma exposição dos nossos vinhos em Berlim. O patriotico pensamento tem obtido o mais franco acolhimento e numerosas adhesões por parte dos viticultores.

— Foram auctorisados os commandantes dos regimentos a deferir ás pretenções das praças de pret, que solicitem licença para contrair matrimonio, ainda que não estejam nas condições do tempo de serviço exigidas pelos regulamentos.

— Foi concedida á sr.ª D. Margarida Claro da Rocha, viuva do administrador dos correios e telegraphos do Porto, Agostinho da Rocha e Castro, a pensão annual de 400$000 reis.

— A' companhia mineira e metallurgica do Braçal foi concedida a propriedade definitiva da mina de chumbo do Fojo, na freguezia de Silva Escura, concelho de Sever do Vouga, districto d'Aveiro.

Y.

—

A' ultima hora.—O sr. ministro das obras publicas acaba de deferir a representação da camara d'essa cidade, em que pede que o cano do caes do Cojo, creio que é, sobre o qual tem de se formar a praça da Princeza D. Amelia, seja feito a expensas e sob a direcção das obras hydraulicas.

— Parece fóra de duvida que as camaras serão ainda prorogadas por mais alguns dias.

— Em consequencia do estado de saude do sr. ministro da marinha, o sr. ministro dos estrangeiros tomará conta d'aquella pasta interinamente.

— S. Alteza o principe real vem assistir ao banquete offerecido por El-rei á commissão executiva da junta geral.

— Os fundos portuguezes ficaram hoje na bolsa de Londres a 64 3/4. Admiravel, certamente.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICACÕES LITTERARIAS

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE
AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

INJECTION BROU

Hygienica, infallivel e preservativa, a unica que cura, sem nada juntar-lhe, os corrimentos antigos ou recentes.

Encontra-se nas principaes Pharmacias do Universo, em Paris, em casa de J. FERRÉ, Pharmaceutico, Rua Richelieu, 102, Successor de M. BROU.

CARNE, FERRO e QUINA

O mais fortificante dos **Alimentos** alliado aos **Tonicos** mais reparadores.

VINHO FERRUGINOSO AROUD

EXTRAHIDO DE TODOS OS PRINCIPIOS SOLUVEIS DA **CARNE**

CARNE, FERRO e QUINA! Dez annos de exito constante e as affirmações das mais altas sumidades da sciencia medica, provam que a associação da **Carne**, do **Ferro** e da **Quina**, constitue o mais energico reparador até hoje conhecido para curar: a *Chlorose*, a *Anemia*, a *Menstruação dolorosa*, a *Pobreza* e a *Alteração do sangue*, o *Rachitismo*, as *Affecções escrofulosas e cutaneas*, etc. O **Vinho Ferruginoso Aroud** é, com effeito, o unico que reune tudo que tonifica e fortifica os orgãos, regularisa e augmenta consideravelmente as forças ou restitue o *Vigor* e pureza do sangue empobrecido, a *Cor* e a *Energia vital*.

Venda por grosso, em Paris, na Pharm.ª de J. FERRÉ, r. Richelieu, 102 Successor de AROUD

ESTA IGUALMENTE A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS DO ESTRANGEIRO.

EXIGIR o nome e a assignatura AROUD

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos
Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia **LEROY**. — Depositos em todas as principaes Phar.as

FERRO DE QUEVENNE

E o ferro no estado **puro** e, desde 50 annos, reconhecido pelos Medicos do Mundo inteiro, o mais poderoso dos ferruginosos para curar: **ANEMIA, POBREZA** do **SANGUE, PERDAS BRANCAS, DORES** de **ESTOMAGO**, etc... Eis porque é uma das raras preparações approvadas pela

ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS.

DESCONFIE-SE
das IMITAÇÕES e FALSIFICAÇÕES impuras, inactivas, desleaes, vendidas barato.
EXIGIR, ALEM DA ASSIGNATURA DE *Quevenne*, O SELLO DA "*Union des Fabricants*."
Vende-se: 1.º em *Pó*; 2.º em *Grageas*.
Deposito Geral do Verdadeiro **FERRO de QUEVENNE**
(transferido desde o dia 2 de fevereiro de 1888): **8, Rue du Conservatoire, PARIS.**

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phormacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

200,000 Doentes curados de **DEFLUXOS, TOSSE INSOMNIA, CRISES NERVOSAS** PELO **XAROPE do Dr FORGET** Em todas as Pharmacias do Universo. *Exija-se o endereço ao lado*

36 Rue Vivienne **CHABLE** PARIS

300,000 Doentes curados de **GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc.** PELO **CITRATO DE FERRO CHABLE** Em todas as boas Pharmacias. *Exija-se o endereço ao lado.*

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

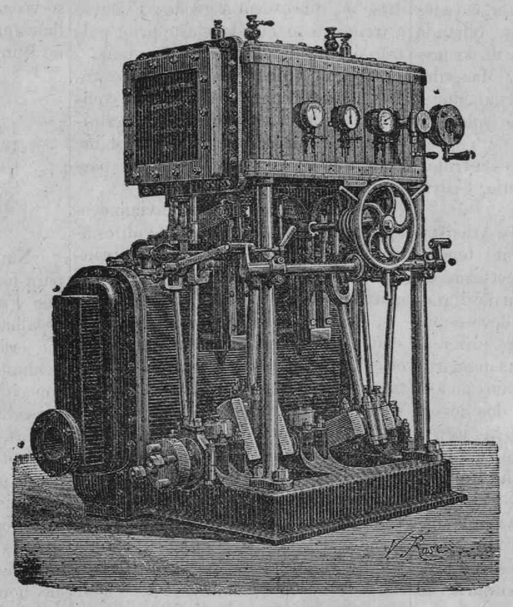
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macau*.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arrodores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em goral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

HOTEL SERRA

LUSO

ESTE Hotel, que se acha montado nas melhores condições, tem magnificos quartos, lindas vistas, jardim e cascata; um cosinheiro de primeira classe e um pessoal excellente; meza com grande abundancia e aceio; criadas decentes para servir senhoras.

Além d'isso tem na estação de Luso um carro á hora de todos os comboios.

Preços commodos.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, *consumpção de carnes, affecções escrophulosas*, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachi hasé um excellente *luache* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

MOLESTIAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten **com copahiba**, approvadas pela Academia de Medicina de Paris.
Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas só ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrhéas mais intensas.
A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura* de **Raquin** e o **sello official** (em azul) do *governo francez*.
DEPOSITOS: **FUMOUZE-ALBESPEYRES**, *18, Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a **INJECÇÃO RAQUIN**, completamento de todo tratamento

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obrass nas provincias, por ter os melhoree applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

DOENÇAS DO ESTOMAGO

PASTILHAS e PÓS PATERSON

(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.

Adh DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

DAVID CORAZZI, EDITOR

DECIMO VOLUME DA

BIBLIOTHECA UNIVERSAL ANTIGA E MODERNA

O LIVRO DOS SNOBS

POR

TACKERAY

(celebre escriptor inglez)

Versão offerecida aos snobs portuguezezes de todas as classes, idade e sexos

N'esta obra teem todos os leitores a certeza de encontrar o retrato dos outros e quasi todos o seu retrato proprio.

A obra consta de 2 volumes e devide-se em 50 capitulos. Preço de cada volume 100 reis. A' venda o primeiro volnme, o segundo sahe brevemente. Vende-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa.

CARVALHO & PONS—EDITORES

Rua do Instituto Industrial, 23 a 21

LISBOA

A BIBLIA SAGRADA

Edição monumental esplendidamente adornada com primorosas illustrações, desenhadas por A. Greno, A. Ramalho, E. Condeixa, M. de Macedo, Marques de Oliveira, Moreira Rato, e Silva Porto; gravadas em madeira por A. Pedroso, C. Alberto, Heitor & Lallemant, J. Kijölner, e R. Feijóo.

Versão classica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. Guilherme, e confirmada pelo esclarecido voto do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. José III.

Escrupulosamente revista sobre o texto latino da vulgata por Xavier da Cunha, 2.º conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

METHODO JOÃO DE DEUS

A direcção da *Associação das escolas moveis pelo metodo João de Deus* roga aos srs. professores, professoras e mais pessoas habilitadas no dito methodo pelo proprio auctor e tambem pelos professores das *Escolas moveis* a fineza de communicarem a esta direcção—Largo do Terreiro do Trigo n.º 9—com a possivel brevidade e em bilhete postal, os seus nomes, residencia e data dos respectivos diplomas.

COLLECÇÃO DOS ACCORDÃOS

DO

SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

Proferidos sobre a materia contenciosa desdes a sua organisação (9 de julho de 1870) até 31 de dezembro de 1883, copiados na integra da Legislação Official e coordenados alphaboticamente

POR

Miguel da Costa Trindade

Amanuense do Governo Civil de Leiria

Estão publicados 3 volumes que conteem: o Decreto de 9 de junho de 1870 pelo qual foi separado o Conselho d'Estado Politico do Conselho d'Estado Administrativo, ficando este a denominar-se Supremo Tribunal Administrativo; o relatorio apresentado pelos ministros e secretarios d'Estado que motivou aquelle Decreto; e todas as resoluções proferidas sobre;—Accordãos—Acções—Actas—Açudes—Aforamentos—Alcances—Alheação—Alfandegas—Alinhamentos—Arrematações—Arvores—Assembleias—Audiencias—Baldios—Boticarios—Brazões—Camaras Capellas—Carnes (fornecimentos)—Celleiros communs—Cemiterios—Companhias—Compascuo—Conflictos—Contas—Contractos—e Contribuição industrial.

A parte que respeita á contribuição industrial é sem duvida uma das, mais importantes d'esta collecção por que n ella se acham resolvidas as muitas e differentes interpretações a que dão logar as leis e regulamentos respectivos, não só sobre o lançamento d'esta contribuição, como sobre a formação de matrizes, classificação das industrias, mudança de umas classes para outras, ommissão de inscripção, organisação e attribuições dos gremios, attribuições das camaras municipaes, juntas dos repartidores, escrivães de fazenda, tribunaes e funccionarios superiores; maneira de interpôr os recursos ordinarios e extraordinarios, informações colhidas, validade de attestados e declarações, provas, prasos, annullações e muitos outros accidentes que se dão n'este ramo de serviço publico e que occasionam a infenidade de reclamações e recursos que constantemente sobem ás instancias superiores, interpostos por contribuintes ou pelos funccionarios que a isso são obrigados por lei.

Não obstante os accordãos se acharem coordenados alphabeticamente de fórma que de prompto se encontram todas as resoluções que tenham sido proferidas em recursos sobre certo e determinado assumpto, ainda cada volume é precedido de um desenvolvido indice alphabetico não só dos negocios de que trata cada uma das resoluções, tambem das doutrinas expendidas nos respectivos considerandos.

Preço dos 3 volumes 2$150 reis, franco de porte.

A' venda: na redacção do *Districto de Leiria*, Leiria; no Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron; Lisboa, livraria do sr. Joaquim José Bordallo, travessa da Victoria; e em outras das principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

LIVRARIA

DE

MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

EÇA DE QUEIROZ

Os Maias, episodios da vida romantica, 2 grossos volumes..... 2$000

BAPTISTA DINIZ

OS GAGOS

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

Preço..... 120 réis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Preço de assignatura

Um anno.....	4$200
Seis mezes.....	2$100
Numero avulso.....	200

Assigna-se na livraria de E. Chardron —Lugan & Genelioux successores Porto.

SILVIO PELLICO

AS MINHAS PRISÕES

TRADUCÇAO

DE

CUNHA QUEIROZ

Um elegante volume in-8.º, de 332 paginas, illustrado, com magnifico papel. Preço 400 reis, pelo correio 450 réis. Pedidos aos editores Campos & C.ª, 86, rua Augusta, 88—Lisboa.

A FATEIXA

Publicação mensal sobre coisas... portuguezas. Um volume de 180 paginas collaborado por escriptores distinctos, 200 reis. Deposito na livraria de Barros & Filha, rua de Almada, 104 a 114, Porto

OS ANTROS DE PARIS

ULTIMA PRODUCÇÃO

DE

XAVIER DE MONTÉPIN

Romance em 5 volumes, illustrado com 15 cromo-litographias, aguarelladas por Manuel de Macedo e executadas na litographia Guedes.

Traducção de A. M. da Cunha e Sá

10 reis cada folha—10 reis cada cromo—20 reis cada capa habilmente colorida. Lisboa 60 reis por semana, pagos no acto da entrega. Provincias, 120 reis, de duas semanas, pagos adiantadamente. Assigua-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 42—Lisboa.

FLOR DE MYOSOTES

ROMANCE ORIGINAL

Por Alberto Pimentel

GUIA DO NATURALISTA

Colleccionador, preparador e conservador

POR

Eduardo Sequeira

2.ª edição refundida e illustrada com 131 gravuras. Um volume brochado, 500 reis, pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á Livraria—Cruz Coutinho, editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20, Porto

O TESTAMENTO VERMELHO

Ultima producção de Xavier de Montépin, em cinco ou seis volumes, illustrados com 15 chromos-lithographias, aguarelladas por Manuel de Macedo e executadas na lithographia Guedes. Traducção de A. M. da Cunha e Sá.

10 reis cada folha, 10 reis cada chromo, 20 reis cada capa habilmente colorida. Brindes a todos os srs. assignantes: Um almanach illustrado para 1889 e a capa do 1.º volume colorida.

Lisboa e Porto, 60 reis por semana, pagos no acto da entrega; provincias, 120 reis, de duas em duas semanas, pagos adeantadamente. Pedidos de assignaturas ou requisição de prospectos, em Lisboa, á casa editora David Corazzi, 40, Rua da Atalaya, 52, ao Deposito, Rua dos Retrozeiros, 153—1.º andar e a todas as livrarias.—No Porto, á Filial da casa, Praça de D. Pedro 127, 1.º e ás principaes livrarias.—Na provincia, aos srs. correspondentes.

ALBUM DE COSTUMES PORTUGUEZES

AGUARELLAS

DE

Alfredo Roque Gameiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Condeixa, Malhôa, Manuel de Macedo, Raphael Bordallo Pinheiro e outros.

ARTIGOS DESCRIPTIVOS

DE

Fialho d'Almeida, Julio Machado, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Xavier da Cunha

Publicação quinzenal aos fasciculos

Assigna-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa, Rua da Atalaya, 40 a 52. e na Filial do Porto, Praça de D. Pedro, 127 1.º andar.

NOVIDEDE LITTERARIA

TITO MARTINS

AGUARELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lytographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

RAMALHO ORTIGAO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspéctos da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores. Clerigos, 98—Porto.

UNIVERSO ILLUSTRADO

Semanario de Instrucção e Recreio

EDITORES, CAMPOS & C.ª, LIVREIROS

Rua Auusgta, 88

LISBOA

Segunda série—Segundo anno. Publicados 5 volumes de quatrocentas dezesseis paginas cuda um. Em publicação do 6.º vol.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO